

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE MESTRADO EM LETRAS E CULTURA REGIONAL

CRISTINA MAURI

**PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS ALVEOLARES E PRÁTICAS
SOCIAIS EM CAPELAS DE FORQUETA, CAXIAS DO SUL (RS)**

Caxias do Sul, 2008

CRISTINA MAURI

**PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS ALVEOLARES E PRÁTICAS
SOCIAIS EM CAPELAS DE FORQUETA, CAXIAS DO SUL (RS)**

Dissertação apresentada à Coordenação do Curso de Mestrado em Letras e Cultura Regional da Universidade de Caxias do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, linha de Lingüística e Cultura Regional.

Orientadora: **Profa. Dra. Elisa Battisti**

Caxias do Sul

2008

À minha família, fundamental apoio.

*À professora Elisa Battisti, minha
orientadora, pela paciência e carinho
com que sempre me acolheu.*

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, *Leocir e Marilene*, e aos meus irmãos *Fernando e Alexandre*, por estarem ao meu lado em todos os momentos, por me apoiarem durante essa etapa tão importante da minha vida e desejarem sempre o melhor para mim;

Ao meu noivo, *Isaac*, pelo carinho e pelo incentivo;

À professora *Elisa Battisti*, pelas importantes sugestões, cuidadosa orientação e pelos preciosos esclarecimentos;

Aos meus tios e primos, pelo incentivo ao aprimoramento e pelo auxílio em todos os momentos;

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura Regional da UCS, pelos conhecimentos transmitidos;

À Coordenação e Secretaria do programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura Regional da UCS, pelo apoio concedido;

Aos colegas de Mestrado, que fizeram parte dessa etapa tão importante da minha vida – amizades que guardarei no coração;

A todos os moradores das capelas pelas quais passei, muito obrigado pelo auxílio e disposição em ajudar-me;

A Vanessa Bertuol, pela ajuda na transcrição das entrevistas, seu apoio foi de extrema importância;

Ao Guilherme Francisco Vargas Müller, bolsista de iniciação científica da UCS na pesquisa BDSer-Var, agradeço pela ajuda na análise estatística dos dados;

Às empresas nas quais trabalho, pela compreensão nos momentos finais da dissertação;

Aos meus amigos, que souberam se fazer presentes nas horas certas e festejaram a cada pequena conquista;

Agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização desta pesquisa;

Finalmente, a Deus, por ter-me dado este sonho e tê-lo permitido concretizar-se.

RESUMO

O presente estudo verificou em que medida a palatalização das oclusivas alveolares se aplica e quais são seus condicionamentos lingüísticos e sociais na comunidade de Forqueta, Caxias do Sul (RS). A análise de regra variável de dados de 16 entrevistas sociolingüísticas de informantes de 4 capelas de Forqueta revelou uma freqüência total de palatalização de 28%, sendo os jovens moradores da capela de São Roque os condicionadores da regra, bem como vogal não-derivada, consoante-alvo (da regra) surda em sílaba pretônica, consoantes labial e lábio-dental e vogal seguintes, e vogal central precedente. Através de análise qualitativa, interpretou-se o papel favorecedor da capela de São Roque como resultado da tendência da localidade de abrir-se a inovações sociais e econômicas.

Palavras-chave: Palatalização; Teoria da Variação; Práticas Sociais.

ABSTRACT

The present study verified the social and linguistic conditioning of the palatalization of dental stops in Forqueta, Caxias do Sul (RS). The total frequency of rule application is 28%. The process is favored by young people, inhabitants of one of its suburbs, São Roque, underlying high vowel, voiceless target consonant, pretonic syllable, following labial and labiodental consonants and vowel, and preceding central vowel. The favoring role of São Roque was interpreted as a tendency of the suburb to innovate its social and economic practices.

Key words: Palatalization of Dental Stops; Theory of Sociolinguistic Variation; Social Practices.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
2.1 A Análise da Variação Lingüística.....	18
2.2 Estudos sobre a palatalização variável das oclusivas alveolares.....	21
2.3 Linguagem e Cultura Regional.....	24
2.3.1 Região e Cultura.....	24
2.3.2 Imigração Italiana.....	26
2.3.2.1 As Capelas.....	28
2.3.2.2 Capelas de Forqueta.....	29
2.3.2.2.1 São Vigilio.....	29
2.3.2.2.2 Menino Deus.....	31
2.3.2.2.3 Santos Anjos.....	32
2.3.2.2.4 Nossa Senhora da Salete.....	33
2.3.2.2.5 Santo Antônio do Cerro da Glória.....	34
2.3.2.2.6 São Cristóvão.....	34
2.3.2.2.7 São Valentim.....	35
2.3.2.2.8 Nossa Senhora do Loreto.....	36
2.3.2.2.9 São Martinho.....	37
2.3.2.2.10 São José da Linha Feijó.....	38
2.3.2.2.11 São João Batista.....	39
2.3.2.2.12 São Roque.....	40
2.3.2.2.13 Nossa Senhora das Graças.....	41
2.3.2.2.14 Santo Antônio de Forqueta.....	42
2.3.3 Forqueta	42
3 MÉTODO	49
3.1 Análise quantitativa de regra variável.....	49
3.1.1 Definição das Variáveis.....	50
3.1.1.1 Variável Dependente.....	50
3.1.1.2 Variáveis Independentes.....	50

3.1.1.2.1 Contexto Fonológico Precedente.....	50
3.1.1.2.2 Contexto Fonológico Seguinte.....	51
3.1.1.2.3 Sonoridade.....	51
3.1.1.2.4 Tonicidade.....	51
3.1.1.2.5 Tipo de Vogal.....	52
3.1.1.2.6 Gênero.....	52
3.1.1.2.7 Idade.....	52
3.1.1.2.8 Capelas.....	53
3.1.2 Procedimento de coleta e tratamento de dados.....	54
3.1.2.1 Delimitação da amostra.....	54
3.1.2.2 Realização de Entrevistas Sociolingüísticas	54
3.1.2.3 Levantamento e codificação de dados	54
3.1.2.4 Tratamento estatístico dos dados.....	56
3.1.3 Análise qualitativa da variação	57
4 ANÁLISE.....	58
4.1 Apresentação dos resultados.....	58
4.1.1 Idade.....	59
4.1.2 Tipo de vogal.....	60
4.1.3 Capela.....	61
4.1.4 Tonicidade.....	61
4.1.5 Contexto fonológico seguinte.....	62
4.1.6 Sonoridade.....	63
4.1.7 Contexto Fonológico Precedente.....	64
4.2 Discussão e interpretação dos resultados.....	65
5 CONCLUSÃO.....	69
REFERÊNCIAS.....	71
ANEXOS.....	75

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1- Capela de São Vigilio.....	31
Imagem 2- Capela de Menino Deus.....	32
Imagem 3- Capela de Santos Anjos.....	33
Imagem 4- Capela Nossa Senhora da Salete.....	33
Imagem 5- Capela Santo Antônio do Cerro da Glória.....	34
Imagem 6- Capela São Cristóvão.....	35
Imagem 7- Capela de São Valentim.....	36
Imagem 8- Capela Nossa Senhora do Loreto.....	37
Imagem 9- Capela São Martinho.....	38
Imagem 10- Capela São José da Linha Feijó.....	38
Imagem 11- Capela São João Batista.....	40
Imagem 12- Capela São Roque.....	41
Imagem 13- Capela Nossa Senhora das Graças.....	41
Imagem 14- Santo Antônio de Forqueta.....	42
Imagem 15- Cooperativa Vitivinícola Forqueta	44

GRÁFICO

Gráfico 1- Frequência total de aplicação da regra58

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Codificação dos códigos.....	55
Tabela 2- Idade.....	59
Tabela 3- Tipo de vogal.....	60
Tabela 4- Capelas.....	61
Tabela 5- Tonicidade.....	62
Tabela 6- Contexto Fonológico Seguinte.....	63
Tabela 7- Sonoridade.....	63
Tabela 8- Contexto Fonológico Precedente.....	64

QUADRO

Quadro 1- Exemplo de codificação.....	56
---------------------------------------	----

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Localização da capela Nossa Senhora das Graças no município de Caxias do Sul.....	46
Mapa 2 - Localização das demais capela de Forqueta.....	47
Mapa 3 - Itália: divisão regional e região do Vêneto; Primeiras Colônias e Desmembramentos na Região de Colonização Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul.....	48

LISTA DE SIGLAS

RS – Rio Grande do Sul

VARBRUL – *variable rule* – pacote de programas de análise estatística

VARSUL – Variação Lingüística Urbana na Região Sul

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

UFPR – Universidade Federal do Paraná

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

BDSer – Banco de Dados de Fala da Serra Gaúcha

1 INTRODUÇÃO

O tema desta dissertação é a palatalização das oclusivas alveolares no português, numa comunidade ítalo-brasileira. A palatalização é, conforme Monaretto, Quednau e Hora (2001, p.221), o processo de transformação das consoantes /t/ e /d/ nas africadas alveopalatais vozeada e desvozeada diante da vogal [i] ou semivogal [y], por assimilação. São exemplos da alternância: *tia~tchia*, *dia~djia*, *leite~leitchi*, *onde~ondji*, *rádio~rádjio*, *pátio~pátchio*.

A fala de bilíngües português-fala dialetal italiana não apresenta palatalização, conforme Frosi (1987), mas a de monolíngües português, sim. Dessa forma, é de se esperar que, em comunidades onde convivam bilíngües e monolíngües, a variação se instancie, restando saber em que grau. Daí se origina um dos objetivos do presente estudo, realizado na comunidade ítalo-brasileira de Forqueta, uma das regiões administrativas de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul¹: verificar em que medida a palatalização se aplica e quais são seus condicionamentos lingüísticos e sociais, através da análise de regra variável (LABOV, 1972, 1994, 2001).

A exemplo de outras realizações fonético-fonológicas, como o emprego de *on* em lugar de *ão* (*pão~pon*)², ou a realização da vibrante múltipla como simples em início de sílaba (*arroz~aroz*)³, a não-aplicação da palatalização é marca de identidade, é percebida pelos falantes como característica do ítalo-brasileiro, o que sugere que, na variação em questão, valores sociais atribuídos às alternantes palatalizadas e não-palatalizada possam estar envolvidos. Assim, outro objetivo do estudo é o de interpretar a alternância na perspectiva das práticas sociais locais, a partir dos relatos dos informantes sobre sua rotina nas entrevistas sociolingüísticas e aspectos observados quando da realização das mesmas na comunidade.

O trabalho organiza-se em cinco capítulos, dos quais este, a Introdução, é o primeiro. O segundo capítulo traz os fundamentos teóricos do estudo, que são a Teoria da Variação, base da análise de regra variável, anteriormente referida; estudos sobre a palatalização variável das oclusivas alveolares no português

¹ Caxias do Sul, município situado a nordeste do Rio Grande do Sul, possui quatro regiões administrativas: Ana Rech, Forqueta, Desvio Rizzo e Galopolis.

² Ver o estudo de Tomiello (2005) a respeito dessa alternância em São Marcos (RS).

³ Ver o estudo de Bovo (2004) numa comunidade rural de Caxias do Sul.

brasileiro; noções de região e cultura, bem como informações sócio-históricas de Forqueta.

O terceiro capítulo é o do método, em que se definem as variáveis controladas no estudo de variação e se explicitam os procedimentos empregados na pesquisa, quer na análise (quantitativa) de regra variável, quer na análise (qualitativa) de práticas sociais.

O quarto capítulo traz os resultados das análises, que serão daí discutidos e interpretados. O quinto capítulo fecha o estudo, com as conclusões.

É por meio da língua que o homem expressa suas idéias, as idéias de sua geração, da comunidade a que pertence e as idéias de seu tempo. A todo instante utiliza-a de acordo com uma tradição que lhe foi transmitida, e contribui para sua renovação e constante transformação. Cada falante é, a um tempo, usuário e agente modificador de sua língua, nela imprimindo suas marcas (BRANDÃO, 1991).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A Análise da Variação Lingüística

A influência da cultura italiana é um fato bem presente na fala da população de Caxias do Sul. Embora a evolução contínua tenha mudado a fala da população, podem-se encontrar resquícios do contato lingüístico entre o português e a fala dialetal italiana no interior da cidade. Numa comunidade como Forqueta, verificam-se alternâncias devidas a esse contato. Variações ou alternâncias lingüísticas, formas distintas de dizer a mesma coisa, são o objeto da Teoria da Variação.

Tal teoria é usualmente identificada com William Labov, sociolingüista americano. Na década de 60 do século passado, para sua formação acadêmica, Labov realizou estudos que passaram a fundamentar a Teoria da Variação. Analisou a variação fonético-fonológica no inglês americano: a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ na ilha de Martha's Vineyard, Massachusetts, e a realização da vibrante em Nova York (CALVET, 2002). A partir desses estudos, passou-se a conceber a variação, estágio da mudança, como correlacionada tanto a fatores lingüísticos como a fatores sociais.

Assim, inaugurou-se uma metodologia de análise lingüística, dando origem a uma disciplina chamada sociolingüística variacionista ou quantitativa. A entrevista sociolingüística é seu método mais característico de coleta de dados. Como são necessários dados de fala o mais naturais possível, segue-se um roteiro de entrevista (semi-estruturada) que conduz a uma conversa, registrada pelo pesquisador, sobre temas do cotidiano. É dessas conversas que o lingüista extrai o vernáculo, veículo lingüístico de comunicação usado na interação social e em situações naturais, como a língua que usamos em nossos lares, nos botequins, clubes, parques, etc., a língua falada (coloquial), sem a preocupação de como enunciá-la (TARALLO, 2006).

A Teoria da Variação (LABOV, 1972, 1994, 2001) entende as relações entre língua e sociedade como indissociáveis e procura investigar a língua falada e suas relações com o contexto social no qual ela é usada. Seu foco não está nas formas regulares da língua, mas em suas variantes. Parte da idéia de que variantes

lingüísticas seriam as diversas maneiras de se dizer a mesma coisa num mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. Labov observa que os diferentes sistemas devem apresentar, por natureza, certa homogeneidade, apesar da heterogeneidade instituída pela variação. Essa heterogeneidade oferece ao falante um conjunto de alternativas cuja escolha pode estar condicionada a restrições de contexto lingüístico e social. Ela é ordenada porque o emprego das variantes é restrito tanto lingüística quanto socialmente.

Na Teoria da Variação, há um problema central que é a avaliação do *quantum* com que cada categoria contribui para a realização de uma ou de outra variante. No uso real da língua, seja na forma falada ou escrita, tais categorias se apresentam sempre conjugadas; na prática, a operação de uma regra variável é sempre o efeito simultâneo da atuação de vários fatores (NARO, 2003). É assim que realizar uma análise conforme essa teoria requer tratar os dados estatisticamente, ou proceder a uma análise quantitativa.

A variação obedece a um padrão sistemático regulado por regras especiais, conhecidos como regras variáveis. Para que a variação verificada na fala possa ser considerada como regra variável, é necessário que haja uma freqüência de uso expressiva e quantificável e que a variação seja fruto de interferências tanto de fatores inerentes à língua como de outros externos à língua (BRESCANCINI, 2002).

As variantes lingüísticas podem ter um significado social. Os fundamentos da sociolingüística variacionista vêm da observação de que as variantes que ocorrem dia a dia na fala são lingüisticamente insignificantes (por sua identidade semântica), mas socialmente significantes, por serem símbolos do sujeito falante, isto é, por permitirem que se identifiquem sua classe social, estilo de discurso, escolaridade. Esse é o significado social da variação (CHAMBERS; TRUDGILL; SCHILLING-ESTES, 2002)⁴.

A idéia de Brasil como país monolíngüe ainda é extremamente veiculada, seja pela escola, seja pelas instituições sociais, políticas ou religiosas, seja pela mídia. A aceitação de um Brasil monolíngüe gera um grave problema, “pois na medida em que não se reconhecem os problemas de comunicação entre falantes

⁴ The foundations of variationist sociolinguistic come from the rudimentary observation that the variants that occur in everyday speech are linguistically insignificant but socially significant. Working-class, uneducated, or highly colloquial (vernacular) speech. These differences will also be readily recognized by virtually every speaker of the language.

de diferentes variedades da língua, nada se faz também para resolvê-los” (BORTONI-RICARDO, 1984, p. 9)

Conforme Bagno (1999), não levamos em conta as variantes do português em contato com idiomas estrangeiros nas colônias de imigrantes. Não são consideradas todas as variantes lingüísticas do português, sejam regionais ou sociais. Ainda dá *status* falar “corretamente”, na idéia ingênua de que a língua dita culta é uma ponte para a ascensão social. Quem não domina a variante padrão é marginalizado/a e ridicularizado/a. Esse variante padrão, no entanto, é reservada a uma ínfima parte da população brasileira (a mesma que detém o poder econômico e político). Não é difícil perceber que o modo de falar “correto” é aquele dessa elite e que o modo “errado” é vinculado a grupos de desprestígio social. Há no Brasil uma “mitologia” do preconceito lingüístico, que prejudica toda a nossa educação e nossa formação enquanto cidadãos para além de um termo teórico. Bagno enumera oito mitos que, no conjunto, servem para solidificar e transmitir a visão (essa sim, errada) de que o Brasil apresenta uma unidade lingüística e que são os/as brasileiros/as que não sabem falar português corretamente (portanto, não há dialetos, variantes, mas sim deformações do português).

Todo falante nativo de uma língua é um usuário competente dessa língua. Não existe erro de português. O autor concluiu que os gramáticos tradicionais tratam a língua como uma coisa morta, sem considerar as pessoas que a falam. Verificou também que a língua é um tema político muito importante, pois mantém relações com determinadas formas de discriminação e exclusão (BAGNO, 1999).

Em todas as línguas podem-se distinguir múltiplas variedades. Um grupo étnico pode desenvolver uma variedade étnica de uma língua que originalmente pertencia a outro grupo, abandonar progressivamente a sua língua minoritária, e passar a considerar a variedade étnica como um dos sintomas da sua identidade étnica (APPEL e MUYSKEN, 1996).

A identidade é marcada pela diferença, ou seja, ela é relacional. Uma identidade, para existir, depende de algo fora dela: outra identidade. Vê-se a importância da cultura na produção de significados, que nos leva ao conceito de identificação. Esse conceito descreve o processo pelo qual nos identificamos com os outros, seja pela ausência de uma consciência da diferença ou da separação, seja como resultado de supostas similaridades (WOODWARD, 2004). A variação

lingüística pode contribuir para marcar essas diferenças, pode vir a consistir marca cultural de um grupo.

2.2 ESTUDOS SOBRE A PALATALIZAÇÃO VARIÁVEL DAS OCLUSIVAS ALVEOLARES

Bisol (1986) analisou a palatalização da oclusiva dental em uma amostra do Rio Grande do Sul. A autora refere que a palatalização revela-se uma regra quase categórica em Porto Alegre. As consoantes /t/ e /d/ tornam-se palatalizadas diante de vogal não-derivada /i/, precedidas ou seguidas de segmento e/ou vazio. Parece que o contato do dialeto gaúcho com línguas em que a palatalização da oclusiva não existe ou não segue as normas da Língua Portuguesa (espanhol, italiano, alemão) vem embargando o caminho de expansão da regra, reforçando-lhe a restrição peculiar nas comunidades monolíngües e acentuando-lhe o caráter de regra adquirida nas comunidades bilíngües. Segundo a autora, a palatalização das oclusivas dentais é uma das características do dialeto gaúcho, estando em plena fase de crescimento.

Almeida (2000) estudou a palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ seguidas da vogal alta /i/ ou do glide [j] em Flores da Cunha (RS), em dados do VARSUL (Projeto Variação Lingüística Urbana na Região Sul do País, PUCRS, UFRGS, UFSC, UFPR). Levantou dados de 24 entrevistas de falantes bilíngües de português e dialeto italiano. Todos os entrevistados são descendentes de imigrantes e aprenderam um dos dialetos italianos falados na região como língua materna.

O autor concluiu que as mulheres, favorecedoras do processo, conduzem à mudança lingüística em direção à variante inovadora (palatalizada), como se fosse uma forma de prestígio. Além delas, condicionam a regra os jovens, sílabas não acentuadas, lateral seguinte, consoante-alvo surda. A freqüência total de aplicação foi de 47%.

No estudo de Kamianecky (2002), analisou-se a aplicação da regra de palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ nas comunidades de Porto Alegre (Rio Grande do Sul) e Florianópolis (Santa Catarina), em entrevistas do VARSUL. Foram

selecionadas as seguintes variáveis: grupo geográfico, tipo de vogal alta, sexo, tonicidade, idade e contexto fonológico precedente.

A variável tipo de vogal alta foi selecionada como sendo a variável mais significativa quanto à aplicação da regra de palatalização: a vogal não-derivada é a que teve maior peso relativo (0,64), mostrando-se favorecedora a regra. Na variável tonicidade, os fatores tiveram de ser amalgamados, a aplicação da regra se dá a partir das sílabas átonas (0,55).

No contexto precedente, os resultados obtidos após a amalgamação foram os seguintes: o fator lateral (0,62) é o contexto favorecedor à aplicação da regra, seguido pelas contínuas coronais (0,59); os fatores vazio e vibrante são desfavorecedores da regra de palatalização.

Em Porto Alegre, a regra de palatalização das oclusivas dentais é de uso geral, com peso relativo de (0,98), e os casos de não-aplicação da regra estão mais relacionados a Florianópolis, com peso relativo de (0,04). Na variável extralingüística idade, as pessoas com menos de 50 anos são as que mais palatalizam, com peso relativo de (0,54). No grupo sexo, quem favorece a aplicação da regra de palatalização das oclusivas dentais são as mulheres, com peso relativo de (0,60).

A autora conclui que os favorecedoras da aplicação da regra são: o grupo geográfico Porto Alegre, a vogal alta não-derivada, as mulheres, sílabas átonas, jovens e lateral precedente.

No estudo de Pires (2004) sobre as oclusivas dentais em São Borja (Rio Grande do Sul), utilizaram-se 24 entrevistas do VARSUL. As variáveis lingüísticas selecionadas pelo programa foram tipo de vogal alta, tonicidade da sílaba, contexto seguinte, sonoridade da oclusiva, e as extralingüísticas, sexo, idade, escolaridade.

Em tipo de vogal alta, o fator não-derivada mostrou-se relevante à aplicação da regra de palatalização, com peso relativo de 0,72. Na variável tonicidade, a posição tônica revelou-se neutra e a pretônica, favorável à regra.

No contexto seguinte, os fatores lateral (0,61) e velar (0,57) são favorecedores da regra e, como mais forte inibidor, apresenta-se a consoante dental (0,44). Em sonoridade da oclusiva, a consoante surda tende a favorecer a aplicação da palatalização (0,53). No grupo sexo, as mulheres tendem a palatalizar mais (0,64) do que os homens; no que se refere à idade, os que têm menos de 50 anos tendem a aplicar mais a regra de palatalização; quanto à escolaridade, informantes que possuem ensino médio são os que mais aplicam a regra.

A autora chegou à conclusão de que a palatalização de /t/ e /d/ é uma regra em expansão na comunidade de São Borja.

Paula (2006) analisou a palatalização das oclusivas dentais [t,d] nas comunidades lingüísticas de Taquara e Panambi (RS), a partir da amostra de 24 entrevistas do VARSUL.

No grupo geográfico Taquara, observa-se que os índices de aplicação da palatalização das oclusivas dentais [t,d] diante da vogal /i/ mostraram-se significativos tanto para variáveis extralingüísticas, destacando-se o fator gênero feminino, com 0,74 de peso relativo, quanto para lingüísticas, como o fator vogal não-derivada, que se apresenta como mais relevante nesse grupo geográfico, com peso relativo de 0,66. O fator com menos peso relativo é dental, em contexto seguinte, e monossílabo átono, em tonicidade.

No grupo geográfico de Panambi, a autora pôde concluir que a aplicação da regra de palatalização das oclusivas dentais [t,d] diante da vogal /i/ é mais significativa nos grupos de fatores tonicidade, tipo de vogal alta e sonoridade da consoante, nessa ordem.

A variável tonicidade apresenta sílaba pré-tônica não-inicial como fator mais expressivo, com peso relativo de 0,64 para Taquara, e a pós-tônica não-final com 0,90, para Panambi; na variável tipo de vogal alta, a vogal alta não-derivada da média teve mais expressividade em Panambi, com peso relativo de 0,81; a variável sonoridade, tanto em Taquara quanto em Panambi, favorece a palatalização da oclusiva dental por meio da consoante surda; o último grupo lingüístico selecionado como relevante pelo programa foi contexto fonológico seguinte, com peso relativo de 0,64 para lateral em Taquara, enquanto a vogal apresenta 0,63 de peso relativo para o grupo geográfico de Panambi.

Considerando os dois grupos geográficos, Paula (2006) constatou que os grupos tonicidade, tipo de vogal alta, sonoridade e contexto fonológico seguinte foram escolhidos como significativos, nessa ordem, em ambas as amostras; os pesos relativos obtidos no grupo geográfico de Panambi são superiores aos de Taquara.

Battisti, Dornelles Filho, Lucas e Bovo (2007) estudaram a palatalização das oclusivas alveolares em Antônio Prado (RS). Encontraram uma frequência total de 29% de aplicação da regra em dados do BDSer (Banco de Dados de Fala da Serra

Gaúcha, UCS). A aplicação foi favorecida por informantes jovens, de zona urbana, e vogal alta /i/ (fonológica).

2.3 LINGUAGEM E CULTURA REGIONAL

2.3.1 Região e Cultura

Laraia (2004, p.25) afirma que, no século XVIII, o “termo germânico *Kultur* era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto a palavra francesa *Civilization* referia-se principalmente às realizações materiais de um povo”.

Burity (2002) refere que o termo cultura é um conceito polêmico, ampliado e transformado ao longo de décadas por antropólogos, historiadores e intelectuais em geral. Menciona que cultura deveria ser um termo empregado no plural, já que não se constitui num complexo unificado coerente, mas sim, num conjunto “de significados, atitudes e valores partilhados e formas simbólicas (apresentações, objetos artesanais) em que eles são expressos ou encarnados”, que são construídos socialmente, variando, portanto, de grupo para grupo e de uma época para outra.

Segundo Paviani (2004), a cultura não é apenas o conjunto de obras, costumes, organizações, instituições, mas o sentido que as perpassa. Ela é autêntica, assumida pela consciência social, possuindo raízes locais e significações universais concomitantemente, trazendo as marcas do grupo e da época que instauram esse sentido individual e universal da existência humana. Para o autor, a cultura enquanto processo ou rede de signos nasce das relações entre os grupos, podendo ser um critério de definição que os identifica ou diferencia dos demais.

Toda cultura é dinâmica, pois a pessoa está sempre interagindo com o mundo em que vive, criando e alterando seus símbolos. A cultura está ligada à história particular de cada grupo social e, portanto, não existe uma cultura “atrasada”, “primitiva”. Também não podemos pensar que haja estágios determinados pelos quais as culturas têm de passar, tal como as noções de cultura “primitiva” e “avançada” (tomamos por base nossa cultura para parametrizar as outras, ou seja:

criamos preconceitos). As culturas estão em permanente transformação, buscando novas interpretações das novas realidades que se apresentam(TASSINARI, 1995).

Esse conjunto simbólico específico, que permeia todas as nossas ações, só faz sentido dentro do grupo social a que pertence. Quando tomamos nossos pressupostos para entender ou julgar outra cultura, outro grupo, adotamos uma atitude etnocêntrica, preconceituosa. Como nos diz Grupioni (1995):

Quase sempre, temos uma valorização positiva do nosso próprio grupo, aliado a um preconceito acrítico em favor do nosso grupo e uma visão distorcida e preconceituosa em relação aos demais. Precisamos, assim, perceber que somos uma cultura, um grupo, e mesmo uma nação, no meio de muitas outras (GRUPIONI,1995, p.485).

Segundo Santos (2006), ao discutirmos cultura temos sempre em mente a humanidade em todas as suas riquezas e multiplicidade de formas de existência. Assim, cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos. Cada cultura é o resultado de uma história particular, e isso inclui também suas relações com outras culturas, as quais podem ter características bem diferentes.

De acordo com Geertz (1989), a cultura corresponde a teias, e a sua análise não se faz por meio de uma ciência experimental, mas uma ciência interpretativa, procurando significados.

Cultura e região estão intimamente relacionadas. Segundo Paviani (2004), o conceito de região pode ser elaborado a partir de pontos de vista diferentes: geográfico, literário, não possuindo naturalmente a universalidade do conceito filosófico. O que existe de comum entre todos os conceitos de região, nas múltiplas definições, descrições e análises, é a necessidade de a região referir-se a uma experiência. Isso quer dizer que, além de aspectos lógico-semânticos e cognitivos, região pode ser examinada enquanto condição de possibilidades epistemológicas e ontológicas. A idéia de região antecipa a idéia de mundo, de história. O “tecido” que sustenta o conceito de região constitui-se processualmente e não de matéria fixo, estanque, indiferente às forças que o sustentam.

Região é uma realidade de mundo social, estabelecida por um ato de vontade. É um espaço construído por decisão, seja política, seja da ordem das representações, dentre as quais as de diferentes ciências (POZENATO,2001).

Para Bourdieu (1989), região é definida ora pela busca de traços constantes e universais, ora desnaturalizando o conceito, na busca de critérios de delimitação do objeto teórico. Vincula-se a um *habitus*, seja no campo científico ou em práticas sociais. *Habitus* é um sistema de disposições duráveis que gera, em organismos, práticas e representações da realidade.

2.3.2 Imigração Italiana

“Ir ao passado é obter informações indispensáveis para a interpretação e compreensão do que se vive hoje.”

José Carlos Reis

A imigração italiana para o Brasil caracteriza o território meridional no final do século XIX e o início do século XX. Giron (1980) afirma que o fenômeno está associado às transformações sociais, políticas e econômicas que ocorriam no mundo ocidental à época, em decorrência da expansão do capitalismo e das novas formas de produção adotadas.

A unificação da Itália em 1870 pouco mudou a situação econômica e social da população. A burguesia assumiu o novo sistema, o clero perdeu autoridade e o Papa foi substituído por um rei. A terra concentrou-se em mãos de latifundiários que exploravam o operário e o agricultor, causando descontentamento à população (LAZAROTTO, 1988).

Frosi (2003) menciona que as regiões de onde partiram os imigrantes italianos eram superpovoadas, havia grandes problemas econômicos. Parte da população trabalhava em terras de latifundiários. Nelas os colonos moravam com suas famílias, plantavam e produziam, porém moravam de aluguel. Os patrões mantinham os colonos em situação de dependência e em condição de vida muito precária. A outra parte dos imigrantes era de colonos proprietários de pequenos pedaços de terra, normalmente perto das montanhas, sendo terras exíguas e difíceis de serem cultivadas, insuficientes para satisfazerem às necessidades do sustento das famílias. Portanto, os imigrantes buscavam melhores condições de vida para si e para seus filhos. Esse é o perfil do imigrante italiano que se instalou no Sul do Brasil.

Segundo Bergamaschi (2007), para os colonos, a propriedade era símbolo da liberdade, esta entendida como o fim do vínculo entre servo e senhor, proporcionando aos seus filhos alimentação farta e futuro.

Conforme Giron (1980), a empresa imigratória no Brasil está associada ao processo de transformações: de um lado a mudança da política das terras, que tentara democratizar a propriedade, e de outro a necessidade de mão-de-obra livre e branca, para substituir a mão-de-obra negra e escrava, que até então sustentava a produção do país.

No RS, em 1875, tem início a última etapa do povoamento, com a chegada das primeiras levas de imigrantes italianos. Estes vão se localizar em terras devolutas do Império situadas na encosta superior do Planalto(GIRON, 1980).

Em maio de 1875 chegavam a Porto Alegre os imigrantes, saídos em fevereiro de Olmate, província de Milão. Os imigrantes italianos que chegaram à região colonial italiana do Estado do Rio Grande do Sul partiram das regiões situadas ao norte da Itália. Essas regiões são as seguintes: Veneto, Lombardia, Trentino-Alto Adige, Friuli-Venezia Giulia, Piemonte, Emilia-Romagna, Toscana e Ligúria (FROSI e MIORANZA,1975).

Segundo Frosi e Mioranza (1975), para a fixação dos imigrantes italianos no RS, o Governo Imperial do Brasil destinou duas zonas de povoamento de terras: as terras devolutas ou despovoadas do nordeste do Estado e as terras localizadas nas proximidades de Santa Maria. O primeiro grupo de imigrantes fixou-se nos fundos da Colônia Nova Palmira. No mesmo ano de 1875, criaram-se três núcleos de colonização italiana: Colônia Caxias, Colônia Dona Isabel e Colônia Conde D'Eu. As terras foram divididas em Linhas e Travessões e estes, em lotes coloniais numerados, que levavam o nome do agrimensor que medira os lotes rurais. Depois, levaram o nome do Santo padroeiro da Capela.

2.3.2.1 As Capelas

Pe. Galioto (1988) refere que todos os imigrantes italianos que vieram para o sul do Brasil eram católicos, um tanto tradicionais e quase sempre sem nenhuma instrução. A grande maioria era de analfabetos. Estes traziam consigo uma preciosa bagagem religiosa: primeiro, uma fé bem arraigada e sólida; segundo, uma pátria

religiosa, um tanto tradicional, mas inquestionável para eles, naquela época. Por isso, a exemplo das igrejas paroquiais a que pertenciam na Itália, queriam logo a sua igreja aqui, na nova pátria, para dar continuidade à sua vivência religiosa. Esta fé e esta pátria religiosa foram as sementes que aqui encontraram terra fértil, e, germinando, produziram bons frutos: as capelas da região italiana no Sul do Brasil.

Conforme Boni (1980), graças ao sistema de capelas a religião desempenhou seu papel entre os colonos. As visitas entre os vizinhos há pouco chegados foram a forma que os imigrantes encontraram para fugir da solidão, rezar o terço e comentar os fatos da vida. Essas práticas foram aos poucos se institucionalizando e o grupo acabou sentindo a necessidade de construir uma capela, como ponto de referência. Ao redor da capela passou a girar não só a vida religiosa, mas também a vida social. Cada travessão via-se obrigado a construir seu templo. Não tê-lo equivalia a uma situação inferior ante os vizinhos. Organizá-lo devidamente era condição primeira para sonhar com a elevação de *status*, o que seria obtido quando se conseguisse um padre, e, acima de tudo, quando a capela fosse constituída como paróquia.

Num ambiente em que o único sistema de referência é o sagrado, em que as normas e valores profanos legitimam-se pelas normas e valores religiosos, compreende-se a importância que adquiriu, para cada linha, a construção de capelas. Daí a multiplicação delas, por vezes aparentemente desnecessárias, e em certos casos, apesar da oposição formal da autoridade eclesiástica. Daí, também, o fato de as grandes disputas sociais girarem em torno do local de construção, do material a ser empregado na obra, do santo escolhido como padroeiro da capela (BONI, 1980).

O poder da região rural era representado pelas Capelas. As disputas entre seus associados deram origem a outras capelas. Ser dono de uma capela era quase tão importante como ser dono da terra, era sinal de *status*. Refere o Pe.Galioto (1988):

as capelas surgiram dos próprios pequenos proprietários rurais, na sua organização, construção, e desenvolvimento religioso e social. Estas igrejas evoluíram muito pouco, algumas sendo aumentadas apenas no tamanho e acrescidas do "coro", ou seja, uma lugar para os cantores em cima da porta de entrada, com acesso por escadas. As atuais paróquias de município começaram assim, de uma simples igreja. Um evoluiu mais, outras pararam no tempo e ainda continuam como capelas. (Pe. Galioto, 1988, p.22).

Conforme afirma o autor, essas capelas foram escolas de união e comunitarismo. Sua construção e manutenção partiu dos próprios moradores de cada localidade, a decisão não “veio de cima”, de planejadores. Aprendeu-se a trabalhar junto, repartir, brigar e perdoar-se, escolher diretorias, fazer assembléias. As capelas foram a escola de tudo isto. Hoje a Capela inclui não só a capela, a Igreja, o salão, etc., mas também toda a região geográfica onde moram seus sócios da capela.

2.3.2.2 Capelas de Forqueta

Segundo Giron (2005), em nenhum outro lugar há mais capelas do que em Forqueta, uma das quatro regiões administrativas de Caxias do Sul (RS), situada a 15 quilômetros da sede administrativa municipal.⁵ A cada briga entre famílias, uma nova capela era construída. Cada capela é poder de uma família que se revela. Em Forqueta, as famílias são de origem Trentina.

Conforme a autora, a capela mais antiga da colônia Caxias é a de São Vigilio. Desta capela originaram-se outras três: a de São João, a de São Martinho e a de Menino Deus. Em 1885 foi organizada a capela de Santos Anjos. Situada em local alto, domina um dos mais belos vales da região. Brigas entre associados determinaram a divisão em outras 3 capelas: a de São Roque, a de Salete e a de Santo Antônio da Forqueta.

Hoje, a região da Segunda Légua tanto pertence ao município de Farroupilha como ao de Caxias do Sul. Forqueta é a maior região vinícola da antiga Colônia Caxias.

2.3.2.2.1 São Vigilio

Segundo Lazarotto (1988), a capela de São Vigilio localiza-se a 8 Km de Forqueta e a 12 Km da Cidade de Caxias do Sul, à qual pertence geograficamente. Abrange uma área montanhosa, com cerca de 900 hectares. Em 1875 chegaram os

⁵ Cf. www.caxias.rs.gov.br. Acesso em 8 de junho de 2008.

primeiros moradores dessa capela, provenientes da Província do Tirol, alguns de Pádua e Vicenza.

Essa é a capela mais antiga da colônia Caxias. Inaugurada em 1880, foi construída em alvenaria, possui vitrais e uma torre, adornada com esculturas de anjos, sendo a mais bela de toda região colonial. Tem como padroeiro “São Vigilio”, devoção trazida pelos imigrantes. Conforme Lazarotto (1988), o nome homenageia o Bispo Vigilio, que governava Trento, Capital do Tirol.

Giron (1980) refere que, apesar de reformada, a igreja conserva suas características originais, com predomínio de pedras argamassadas em barro. No seu interior, uma imagem em especial merece destaque: é uma estampa da imagem de São Vigilio, que os primeiros moradores afirmam ter sido trazida pelos imigrantes. Em 1930 Frederico e Olavio Onzi a substituíram por uma estampa nova, até hoje venerada pela população.

Durante muitos anos, os moradores dessa capela cantavam o hino de São Vigilio, protetor de Trento, que assim principia.

“São Vigilio, protetor de Trento.
Com lacre de oro e bastocim de argenta...”

Há mais de um século, existe um campanário nesta capela, com um sino que pesa 270 quilos. Na capela, há um enorme salão de festas, todo de alvenaria. Perto, existe um cemitério onde repousam os pioneiros da capela.

Desta capela originaram-se outras três: a de São João, a de São Martinho e a de Menino Deus.



Fonte: <http://www.festadovinhonovo.com.br>, acesso em 18 de junho de 2008.

Imagem 1: Capela de São Vigilio.

2.3.2.2.2 Menino Deus

Os imigrantes chegaram ao local onde hoje se situa a capela de Menino Deus em 1880. Sua construção data de 1890. Uma de suas peculiaridades é que parte do prédio está sobre o município de Caxias do Sul e a outra, sobre o de Farroupilha. Em seu interior, há uma imagem de Nossa Senhora das Neves feita toda em madeira, e uma do Menino Jesus com braços, cabeça e pernas feitos de cera de carnaúba e o corpo, de pano de algodão. Essa imagem, contam os moradores mais antigos, foi trazida pelos imigrantes e restaurada recentemente.



Fonte <http://www.festadovinhonovo.com.br> acesso em 18 de junho de 2008.

Imagem 2: Capela de Menino Deus.

2.3.2.2.3 Santos Anjos

Em 1885 foi organizada a capela de Santos Anjos. Inicialmente feita em madeira, estava situada no lote de Vitório Crevellin. Mais tarde, outro prédio foi construído, também em madeira, na terra de Olívio Cappelletti, sendo então erguida a seu lado um campanário de pedra. Foi reconstruída em alvenaria em 1949, em terreno alto e plano, doado por João Perini. Possui belos vitrais, é cercada por jardim, campo de futebol e pelo salão paroquial. Situada em local alto, domina um dos mais belos vales da região. Brigas entre os associados determinaram sua divisão em três outras capelas: a de São Roque, a de Salete e a de Santo Antônio de Forqueta.

Destaca-se pelo porte e arquitetura mais moderna.



Fonte <http://www.festadovinhonovo.com.br> acesso em 18 de junho de 2008.

Imagem 3: Capela de Santos Anjos.

2.3.2.2.4 Nossa Senhora da Salete

Construída em 15 de agosto de 1945, foi reformada em 1985. Possui amplo salão de festas comunitário e bela praça, que conta com três placas comemorativas. Pertence hoje ao município de Farroupilha.



Fonte <http://www.festadovinhonovo.com.br> acesso em 18 de junho de 2008.

Imagem 4: Capela Nossa Senhora da Salete.

2.3.2.2.5 Santo Antônio do Cerro da Glória

Lazarotto (1988) refere que os primeiros moradores da capela de Cerro da Glória-Pinhal, também chamado de Monte Dei Becchi (pela criação de muitas cabras nessa capela), vieram da Itália (Verona, Gênova e Trento) no ano de 1875.

Igreja e campanário foram construídos em madeira no ano de 1901. A santa padroeira é Nossa Senhora da Glória, constitui-se em bela mostra de fé e do trabalho dos colonos.

Em seu interior chama a atenção a imagem de Nossa Senhora da Glória, cuja devoção é uma herança portuguesa.



Fonte <http://www.festadovinhonovo.com.br> acesso em 18 de junho de 2008.

Imagem 5: Capela Nossa Senhora do Cerro da Glória.

2.3.2.2.6 São Cristóvão

A comunidade de São Cristóvão surgiu de uma dissidência entre os moradores de Santo Antônio do Cerro da Glória. A igreja foi construída em 1971.



Fonte <http://www.festadovinhonovo.com.br> acesso em 18 de junho de 2008.

Imagem 6: Capela São Cristóvão.

2.3.2.2.7 São Valentim

Vales e montanhas cercam a comunidade de São Valentim, que faz divisa com o município de Arroio do Ouro. O templo foi erguido em 1910. Sobre o altar foi colocada a imagem de São Valentim e o interior da igreja apresenta peças de madeira com características marcantes.

Segundo Lazarotto (1988), os imigrantes italianos aglomeravam-se em torno da igreja, onde cultivavam sua devoção. A festa da capela era feita no dia do padroeiro, mesmo se a data ocorresse em dia útil.



Fonte <http://www.festadovinhonovo.com.br> acesso em 18 de junho de 2008.

Imagem 7: Capela de São Valentin.

2.3.2.2.8 Nossa Senhora do Loreto

Conforme Lazarotto (1988), os moradores desta capela vieram da Itália, das regiões de: Pergine, Veneto, Vicenza, Tirol, Cremona, Trento, Milano, do ano de 1876 a 1885. A santa padroeira é Nossa Senhora do Loreto, escolhida devido a um quadro com sua imagem ter sido trazido da Itália. A decisão foi unânime.

É a maior localidade da região depois da sede de Forqueta. Datada de 1885, essa capela sofreu grandes alterações em sua arquitetura. O campanário, erguido totalmente em ferro, é seu grande atrativo.



Fonte <http://www.festadovinhonovo.com.br> acesso em 18 de junho de 2008.

Imagem 8: Capela Nossa Senhora do Loreto.

2.3.2.2.9 São Martinho

A igreja de São Martinho foi construída em 1886. No seu interior encontra-se uma escultura em madeira de Jesus Morto, esculpida pelo colono artesão George Mezzomo, usando como modelo o também colono Piero Poloni (conhecido como Piereto Del Tcheo, que significa homem pequeno). Contam os moradores mais antigos que, após haverem escolhido uma tábua condizente com a obra, George deitou sobre ela Piero, e foi fazendo, inicialmente, os contornos do seu corpo, antes de começar a escultura propriamente dita.



Fonte <http://www.festadovinhonovo.com.br> acesso em 18 de junho de 2008.

Imagem 9: Capela São Martinho.

2.3.2.2.10 São José da Linha Feijó

A comunidade de São José da Linha Feijó, conhecida como Arranca Toco, foi fundada em 1935 e ainda não tem seu próprio templo. Os moradores contam com um salão de festa e uma raia para jogo de bocha. No interior do salão existe uma imagem de São José. É diante dela que são realizadas as celebrações religiosas.



Fonte <http://www.festadovinhonovo.com.br> acesso em 18 de junho de 2008.

Figura 10: São João da Linha Feijó.

2.3.2.2.11 São João Batista

Conforme depoimento de uma das moradoras da capela de São João Batista⁶, quando os imigrantes se instalaram em São João, alguns criaram seus negócios próprios. Por exemplo, Floriano Pressi era um grande comerciante, possuía uma casa em que vendia tudo o que era necessário, e comprava mercadorias dos agricultores da região. Naquela época ainda não existiam os carretões⁷. Pressi possuía uma tropa de cavalos. Quando ia para Porto Alegre para comprar e vender, ele carregava nesses cavalos todos os mantimentos e mercadorias. Baptista Valentini era caixeiro viajante, comercializava mercadorias nas casas dos moradores e na sua também. Gusta Valentini fazia as mais diversas bolsas, cestinhas, sacolas de palha de milho para vender, onde os alunos levavam os livros para a escola. Albino Postali possuía um moinho, que moía milho e trigo. Luis Cappelletti também possuía um moinho que, além de moer milho e trigo, gerava energia elétrica para todas as comunidades através de uma usina em uma cascata.

No início, não havia igreja em São João. Só para a Capela de Menino Deus o padre vinha umas duas vezes por ano. Como o padre demorava muito para ir até a Capela, geralmente faziam a primeira comunhão e crisma em Barracão (Nova Milano), deslocando-se a cavalo até o local.

As festas aconteciam quando o padre vinha até a Igreja. De manhã rezavam a missa e, depois, cada família da capela convidava amigos e parentes para irem almoçar na sua casa. De tarde, todos se deslocavam até o salão, para os homens jogarem cartas e mora⁸ e para as mulheres conversarem um pouco.

As crianças da capela de São João iam estudar na capela de Menino Deus, pois na sua capela não havia escola. O professor morava na escola. Como não existiam cadernos, os alunos no início escreviam com carvão em pedras. Depois surgiram os quadros de pedra, em que se escrevia com um tipo de giz, após apagado.

A igreja dessa comunidade foi construída em 1925 e sua arquitetura difere de todas as demais.

⁶ A moradora é hoje falecida. O depoimento referido foi feito a uma de suas netas, que o gravou e transcreveu. A pesquisadora teve acesso à transcrição, fornecida pela neta.

⁷ Grande carroça puxada a motor.

⁸ Jogo que consiste em acertar a soma dos dedos das mãos dos participantes. (BATTISTI et.al, 2006).



Fonte <http://www.festadovinhonovo.com.br> acesso em 18 de junho de 2008.

Imagem 11: Capela de São João Batistas.

2.3.2.2.12 São Roque

A igreja de São Roque foi construída em 1898. É a única de toda região cujo campanário fica na própria igreja, na parte frontal, acima da porta de entrada. Chama a atenção um quadro em madeira no sacrário, comprado por Antônio Perotti de um artista de Cascavel, Paraná. Em alvenaria, suas paredes externas não possuem reboco, os tijolos é que recebem a pintura.

Em um nicho, na parede frontal externa, há uma imagem de Santa Bárbara, a quem os moradores rezam para protegê-los dos temporais. Dentro, há imagens de São Roque, Nossa Senhora das Dores e Nossa Senhora de Caravaggio. Próximo à igreja, há um capitel com a imagem de Santo Antônio.



Fonte <http://www.festadovinhonovo.com.br> acesso em 18 de junho de 2008.

Imagem 12: Capela de São Roque.

2.3.2.2.13 Nossa Senhora das Graças

A comunidade de Nossa Senhora das Graças difere das demais. Todas ficam próximas umas das outras, no mesmo lado da RS-122, uma das estradas de acesso a Caxias do Sul. Nossa Senhora das Graças fica do lado oposto. Sua igreja foi fundada em 1958.



Fonte <http://www.festadovinhonovo.com.br> acesso em 18 de junho de 2008.

Imagem 13: Capela de Nossa Senhora das Graças.

2.3.2.2.14 Santo Antonio de Forqueta

É a igreja matriz de Forqueta, fica no centro da sede administrativa. Tem uma arquitetura privilegiada e sua construção foi concluída em 1944.



Fonte <http://www.festadovinhonovo.com.br>, acesso em 18 de junho de 2008.

Imagem 14: Igreja Matriz de Forqueta.

A sede de Forqueta bem representa o sonho dos imigrantes italianos de trocar a região de Trento por uma vida melhor, buscando um pedaço de terra para trabalhar. Ali originou-se um dos mais antigos e tradicionais bairros de Caxias do Sul. Inicialmente, a terra onde se situa pertencia ao município de São Sebastião do Caí. Em 1883, Luiz Antonio Feijó Junior começou a vender sua propriedade para famílias oriundas da Itália, dando início a um vilarejo basicamente rural.⁹

2.3.3. Forqueta

A história de Forqueta não se confunde com a história de Caxias do Sul. No início, Caxias foi uma colônia Imperial, Forqueta, uma colônia particular. As terras, uma sesmaria doada a Luiz Feijó Junior pelo governo, tinham 3 léguas em quadro. O proprietário chamou suas terras de Colônia Sertorina. A venda dos lotes a partir de 1881 era feita diretamente pelo proprietário.¹⁰

⁹ IMIGRAÇÃO Italiana. **AGROMAK**: Informativo mensal da Enoagro Caxias do sul, julho de 2007

¹⁰ Giron, L.S. **Nas Terras de Feijó Junior**. Folha de Forqueta. Sem data.

O primeiro nome dado pelos novos proprietários dos lotes à região foi linha Feijó, sugerido por Giuseppe Slomp. Esse abriu uma casa de comércio no entroncamento da Estrada Geral com a estrada que levava a Santos Anjos. O entroncamento tinha forma de garfo (*forchetta*, em italiano), derivando-se daí o nome do lugar. A casa comercial faz surgir uma pequena povoação. Ainda hoje existem os prédios da Estação Férrea e da ferraria. Os primeiros habitantes de Forqueta têm uma tríplice origem: os proprietários de serrarias, os agricultores e os artesãos.¹¹

A estrada de ferro que passa por Caxias do Sul chegou dois anos antes a Forqueta, o que trouxe profundas modificações para a localidade.¹²

Hoje, na sede, existem casas de comércio, indústrias de móveis, sapatarias, confecções. A ela ligam-se as 13 capelas, situadas entre os municípios de Caxias do Sul e Farroupilha.

Reconhecida como a maior produtora de uvas e vinhos de Caxias do Sul, Forqueta abriga a primeira Cooperativa Vitivinícola da América Latina e outras empresas produtoras de vinho. Além da uva, produz hortaliças e frutas, como maçã, pêsego, ameixa e caqui, abastecendo o comércio local e nacional.¹³

Desde 1929, a trajetória da Cooperativa Vitivinícola Forqueta confunde-se com a de todas as famílias italianas que trocaram a Itália por uma vida melhor. Aqui tiveram seu pedaço de terra e muitos desafios. Algumas destas famílias chegaram à Serra Gaúcha, mais precisamente ao hoje denominado Vale Trentino, e iniciaram o plantio de parreiras e outras culturas para sua subsistência. Foi em um momento de dificuldade que alguns homens uniram-se para alcançar seus sonhos. Joaquim Slomp e Arthur Perotoni foram os idealistas de um grupo de famílias para formar o que viria a ser a 1ª Cooperativa Vitivinícola da América Latina. Hoje são mais de 300 famílias cuidando de vastos parreirais para produzir vinhos.¹⁴

¹¹ GIRON, L.S. **Madereiros, Agricultores e Artesãos**. Folha de Forqueta. Sem data.

¹² GIRON, L.M. **A Moda do Far West**. Folha de Forqueta. Sem data.

¹³ <http://www.festadovinhonovo.com.br/> acesso em 24 de novembro de 2006.

¹⁴ <http://www.forqueta.com.br/cooperativa.htm> acesso em 25 de novembro de 2006.



Fonte: <http://www.forqueta.com.br>, acesso em 25 de novembro de 2006.

Imagem 15: Cooperativa Vitivinícola Forqueta.

Os cerca de 25 mil habitantes^{15 16} ainda conservam traços característicos da imigração - o casario antigo, a culinária, os costumes - igreja, cemitério e salão de festas.¹⁷ Há um roteiro turístico, denominado Vale Trentino: a História do Vinho¹⁸, que inclui Forqueta e sugere a visita à Cooperativa Vitivinícola Forqueta e a outras cinco vinícolas da localidade, bem como a locais que preservam traços culturais dos imigrantes italianos.

O texto abaixo evidencia como tudo começou, a imigração italiana, os costumes e a atualidade.

NÓS, OS GAÚCHOS, BRASILEIROS, TRENTINOS...

Quando os primeiros trentinos apontaram em terras forquetenses, lá pelos idos de 1875, e aqui se instalaram, as suas expectativas não era diferente dos que chegavam em terras vizinhas... Um mato para morar, terra para trabalhar, enfim uma miséria diferente da que haviam deixado para trás...Aqui havia esperança!

A *cucagna* não era tão fácil, e os primeiros tempos foram de medo e penúria, mas como no além mar era pior, nada de desistir...Por volta de 1881, as grandes dificuldades continuavam na Europa, e outros colonos encorajados pelas informações que chegavam dos conterrâneos, também deixaram sua pátria e sua gente, e aventuraram-se para cá.

Depois de exaustiva viagem, a bordo de um navio, e condições precárias, convivendo com um misto de desespero, saudade, mistério e esperança... A espera em barracões, e finalmente a tão sonhada terra!- vales, montes, mata... Tudo tão lindo e tão difícil. Braços para derrubar, braços para

¹⁵<http://www.festadovinhonovo.com.br/> acesso em 27 de junho de 2008.

¹⁶<http://www.gazetadecaxias.com.br/> acesso em 27 de junho de 2008.

¹⁷<http://www.festadovinhonovo.com.br/> acesso em 18 de junho de 2008.

¹⁸<http://www.caxias.tur.br/roteiros/valetrentino>, acesso em 24 de junho de 2008.

construir, braços para plantar...Assim foi o começo... assim continuou...- o desbravamento, as plantações, a colheita, a conquista da terra, da mata bravia...Assim tudo começou...

O trabalho inicial foi voltado ao derrubar-construir, arregaçando mangas e empunhando machados, as comunidades lentamente surgiram. A terra para as primeiras plantações foi escolhida, e a igreja, local de todos os acontecimentos sociais, foi construída.

As famílias tornaram-se numerosas – era preciso gente para trabalhar e também para povoar.

Nas terras acidentadas, os colonos plantavam praticamente todos os artigos de que necessitavam para seu consumo. Só uma parte do excedente era vendida para custear o açúcar, sal e café, e raramente alguma roupa. As principais culturas eram: milho, trigo, feijão, batata e mandioca.

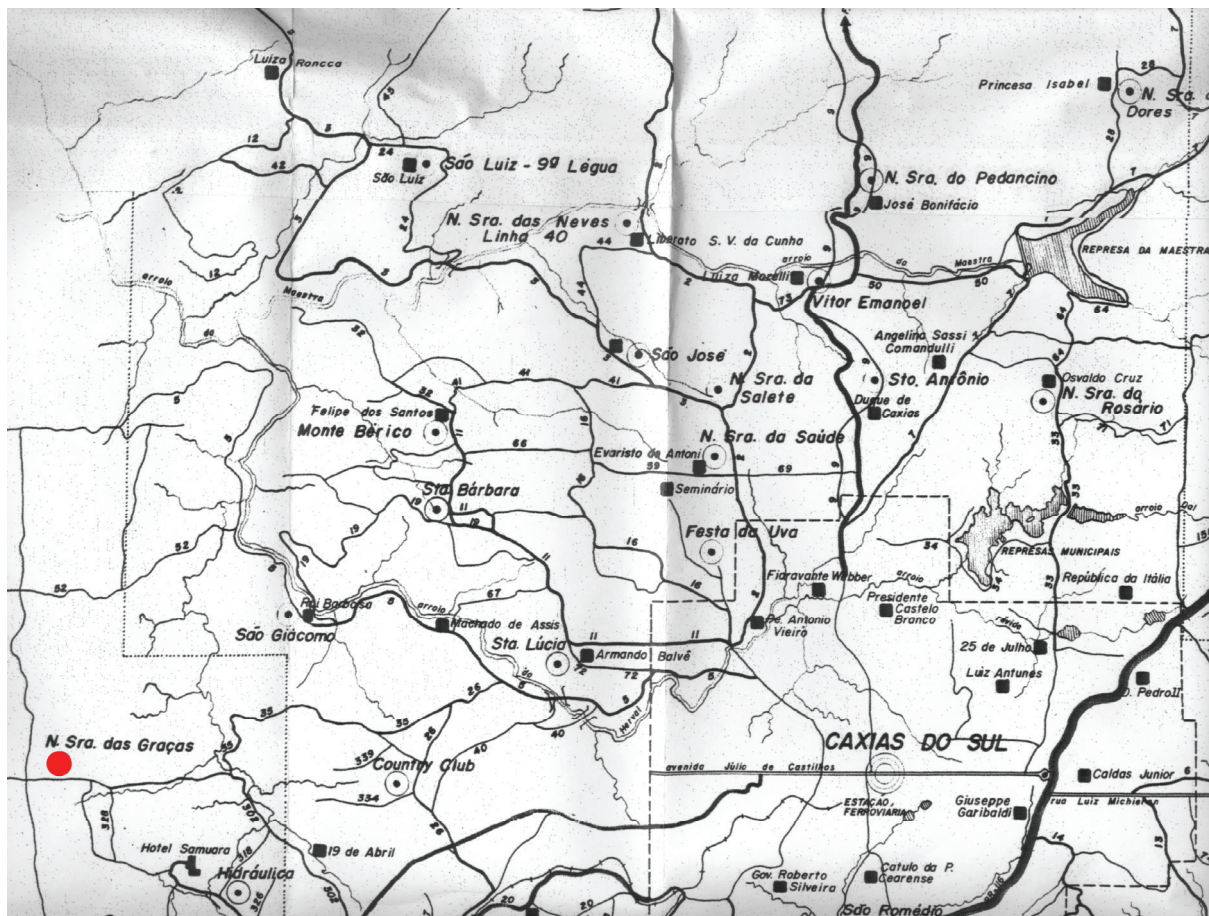
Em meio a tanta dificuldade, um fator foi determinante – a fé, ela manteve aquelas bravas famílias juntas...A fé uniu aquelas pessoas. Se não fosse a crença que tinham, talvez não tivessem suportado tantas agruras... Em nossa região foram construídas muitas capelas, pois quando ocorriam desavenças entre as famílias, o grupo dissidente construía outra igreja, pois a igreja, também significava conquista. Os encontros religiosos aconteciam para o terço, para os funerais e raramente alguma missa, pois os sacerdotes precisavam vir de muito longe. Nas comunidades do interior, continua sendo o lugar de encontro de todas as famílias.

Aos poucos foi se formando o núcleo urbano de Forqueta, com a estrada de rodagem e a estrada de ferro. Surge o comércio e como alguns imigrantes conheciam ofícios variados, a ferraria, os fabricantes de móveis...

Fé, esperança, dignidade, estas as maiores heranças deixadas por todos aqueles que não puderam olhar para trás, pois só tinham uma alternativa – ir em frente e conquistar.¹⁹

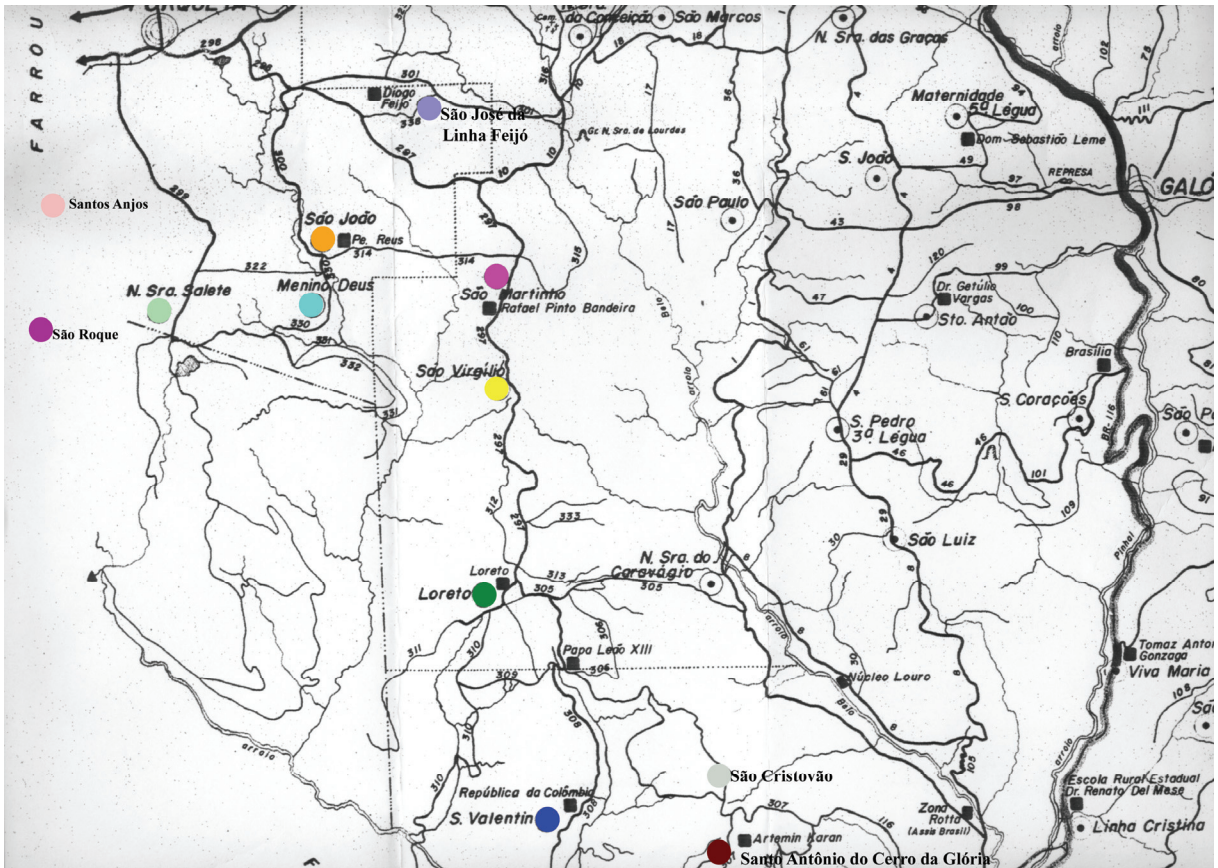
¹⁹Jacira Dulce Onsi Bisneta de imigrantes oriundos de Mattarelo. Caxias do Sul, novembro de 2004.

Alguns mapas ilustram a localização de Forqueta e das 13 capelas a ele pertencentes.



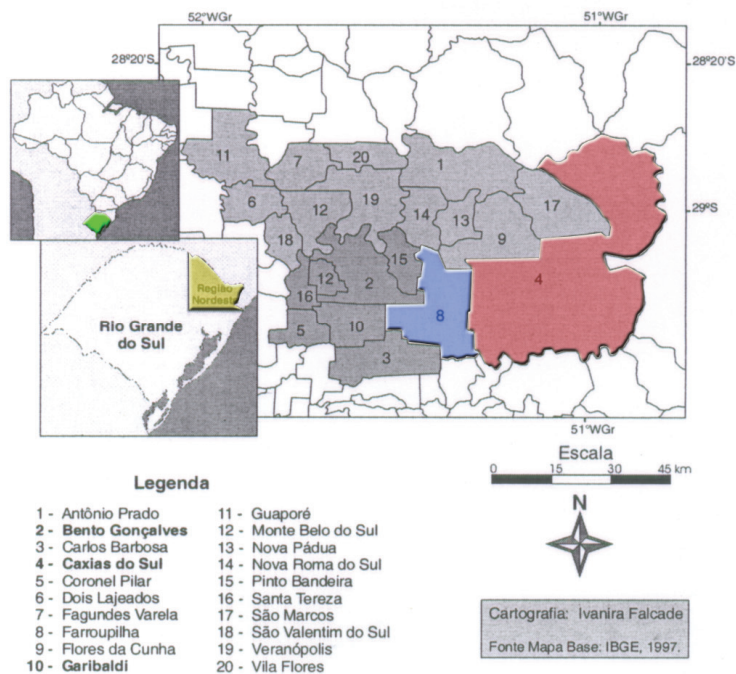
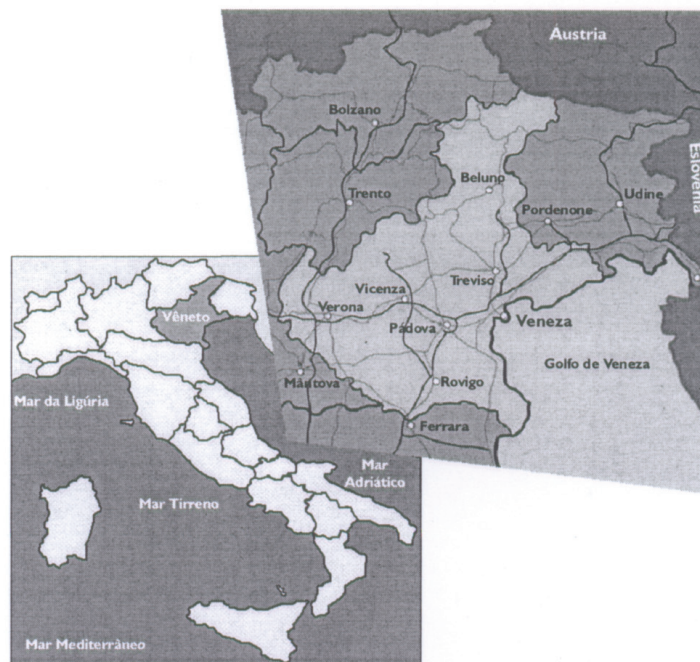
Fonte: Mapa de Caxias do Sul, elaborado pela S.V.O.P. com a colaboração da Secretaria dos Transportes de Caxias do Sul, 1974.

Mapa 1: Localização da capela de Nossa Senhora das Graças no município de Caxias do Sul.



Fonte: Mapa de Caxias do Sul, elaborado pela S.V.O.P. com a colaboração da Secretaria dos Transportes de Caxias do Sul, 1974.

Mapa 2: Localização das demais capelas da Forqueta.



Fonte: Seminário Internacional Vêneto/RS: modelos de desenvolvimento comparados (1945-2000)- 2003.

Mapa 3- Itália: divisão regional e região do Vêneto; Primeiras Colônias e Desmembramentos na Região de Colonização Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul.

3 MÉTODO

Com o objetivo de verificar em que medida a palatalização se aplica em Forqueta, Caxias do Sul (RS), como também seus condicionamentos lingüísticos e sociais, realizou-se análise de regra variável (LABOV 1972, 1994, 2001), de natureza quantitativa. Para interpretar alguns resultados, procedeu-se a análise qualitativa. Os procedimentos empregados são descritos a seguir.

3.1 ANÁLISE QUANTITATIVA DE REGRA VARIÁVEL

Conforme Brescancini (2002,p.13), o pesquisador deve cumprir seis etapas para a realização da análise de regra variável, a serem esclarecidas nas seções que seguem no que se refere à presente pesquisa. A primeira é a da definição da variável dependente da pesquisa, fazendo um levantamento de todas as possíveis variantes, isto é, a delimitação do fenômeno em estudo. No caso desta pesquisa, como já descrito, a variável dependente é a palatalização. A segunda é a da definição das variáveis independentes, que são os condicionantes intrínsecos à língua (variáveis independentes lingüísticas, como contexto fonológico precedente, por exemplo) e os externos a ela (variáveis independentes sociais ou extralingüísticas, idade, sexo e capelas). A terceira etapa é a delimitação da amostra, selecionando os informantes da pesquisa. Isso é feito de forma aleatória, para que todos tenham a mesma chance de serem escolhidos. Já a quarta etapa é a transcrição e codificação dos dados levantados a partir da audição das entrevistas. Escolhem-se códigos para o registro dos fatores relevantes a cada um dos dados levantados. Na quinta etapa, procede-se a uma análise estatística ou quantitativa, com um pacote de programas computacionais. Esse pacote é denominado VARBRUL, e é ele que fornece os resultados a serem interpretados na sexta e última etapa da análise.

3.1.1 Definição das Variáveis

3.1.1.1 Variável Dependente

A análise, como afirmado na Introdução, tem como objeto a palatalização das oclusivas alveolares em português, a *variável dependente* da pesquisa. Conforme Monaretto, Quednau e Hora (2001, p.221), o processo de transformação das consoantes /t/ e /d/ nas africadas alveopalatais vozeada e desvozeada diante da vogal [i] ou semivogal [y], por assimilação. São exemplos da alternância: *tia~tchia*, *dia~djia*, *leite~leitchi*, *onde~ondji*, *rádio~rádjio*, *pátio~pátchio*.

Neste trabalho, havendo diferentes graus de palatalização (*Betsi* ou *Betchi*), todos serão considerados aplicação da regra, embora se espere verificar alternância apenas entre as oclusivas alveolares e as africadas alveopalatais em Forqueta.

3.1.1.2 Variáveis Independentes

3.1.1.2.1 Contexto Fonológico Precedente

É o segmento que precede a oclusiva e que, em termos articulatórios, pode influenciar a produção da consoante, favorecendo ou não a palatalização. A exemplo de Paula (2006), entre outros estudos, são controlados os fatores:

- a) Nasal: *antigo*, *mandioca*, *gente*
- b) Fricativa alveolar: *destino*, *estive*, *doméstica*
- c) Lateral: *cultiva*, *último*
- d) Vogal anterior: *político*, *medicamento*, *médio*
- e) Vogal central: *cidade*, *comunidade*, *batatinha*
- f) Vogal posterior: *ódio*, *juventude*
- g) Vibrante: *participo*, *perdido*, *parte*, *forte*
- h) Vazio: *_tio*, *_dinheiro*, *_tinha*

3.1.1.2.2 Contexto Fonológico Seguinte

Da mesma forma, o contexto fonológico seguinte à vogal desencadeadora da palatalização pode condicionar a aplicação da regra. São controlados os seguintes fatores:

- a) Vibrante simples (tepe): **direito**, **tira**, **dirijo**
- b) Palatal: **lagartixa**, **tijolo**, **dinheiro**, **lentilha**
- c) Fricativa: **satisfeito**, **dizer**, **antes**, **distante**
- d) Lateral: **predileto**, **datilografia**
- e) Vogal: **pátio**, **diálogo**, **adiante**
- f) Labial: **tipo**, **vestibular**
- g) Nasal: **gelatina**, **ótima**, **latim**, **Argentina**
- h) Dental: **titular**, **candidato**
- i) Velar: **particular**, **digo**, **reumáticas**
- j) Labiodental: **difícil**, **estive**
- k) Vazio: **gente_**, **comunidade_**, **leite_**

3.1.1.2.3 Sonoridade

Sonoridade é o mesmo que vozeamento e resulta da vibração das pregas vocais. Na produção do /t/ não ocorre vibração, considerando-se assim a consoante surda ou desvozeada. Na produção do /d/ ocorre vibração, dessa forma a consoante é considerada sonora ou vozeada. Acredita-se que a consoante desvozeada /t/ condicione a palatalização. São fatores da variável Sonoridade:

- a) Surda: **bastante**, **gente**
- b) Sonora: **difícil**, **entende**

3.1.1.2.4 Tonicidade

A sílaba onde aparece a consoante-alvo da palatalização pode ser tônica ou átona. Pensa-se que a tonicidade possa ter papel frente à palatalização, cabendo à sílaba tônica, por sua maior saliência, o condicionamento da regra. Controlam-se os fatores:

- a) Pretônica: **difícil**, **praticar**

- b) Tônica: **tínhamos, podia, diz**
- c) Postônica : **médico, gente**
- d) Clíticos: **de, te**

3.1.1.2.5 Tipo de Vogal

A palatalização pode ser desencadeada por uma vogal alta não-derivada ou subjacente, ou por uma vogal alta derivada de uma média anterior átona. Considerando-se os resultados de Battisti, Dornelles Filho, Lucas e Bovo (2007), entre outros estudos, pensa-se que a vogal não-derivada condicione o processo. São fatores controlados:

- a) Não-derivada: **time**
- b) Derivada: **sete**

3.1.1.2.6 Gênero

As diferenças de gênero também podem interferir na produção lingüística. Como a palatalização parece ser realização prestigiada no português brasileiro, pensa-se que o gênero feminino favoreça o processo. Controlam-se os fatores:

- a) Gênero Masculino
- b) Gênero Feminino

3.1.1.2.7 Idade

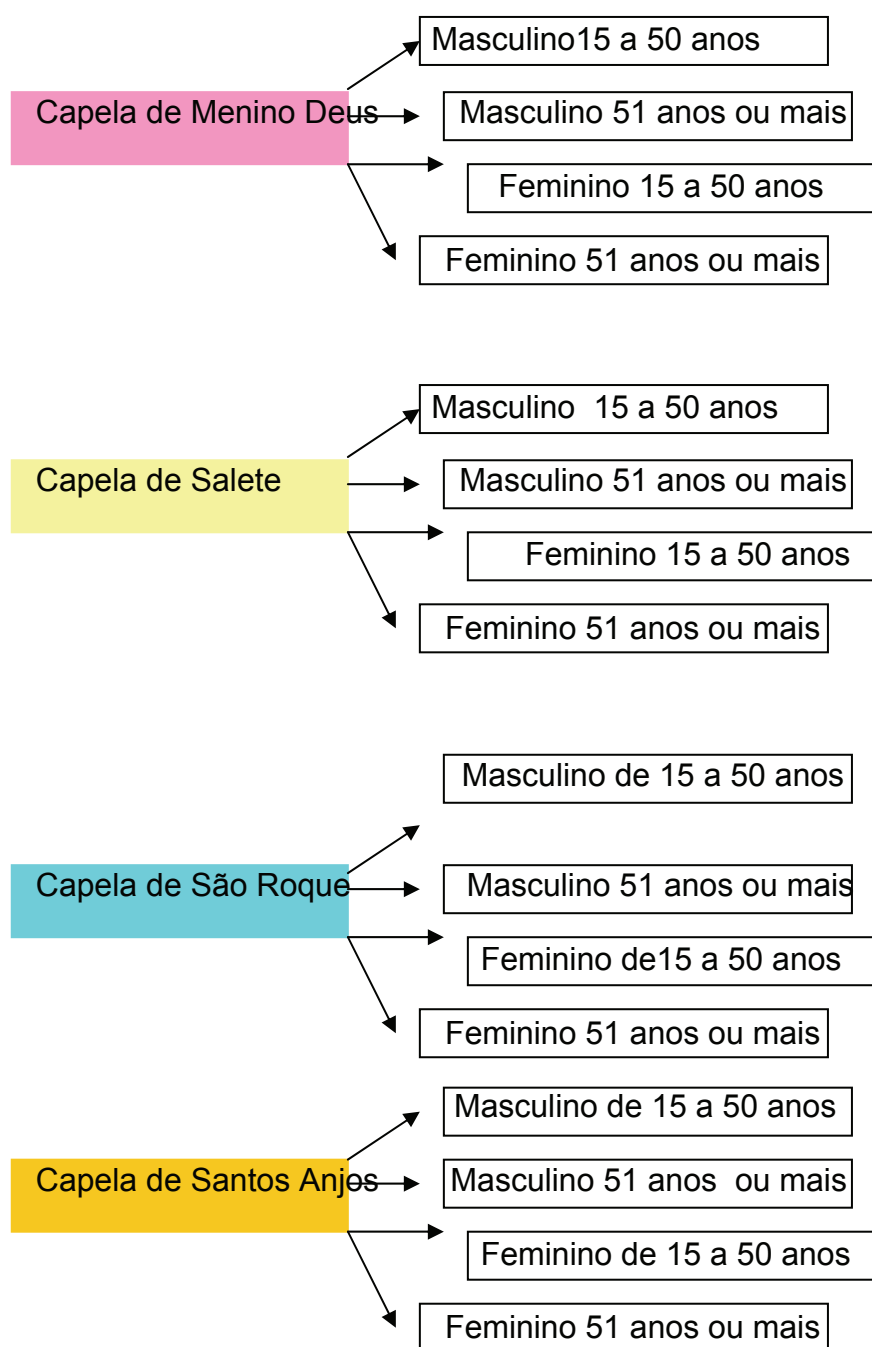
A distribuição por faixa etária pode nos mostrar mudança na variação em progresso, como menciona Monteiro (2000, p.76). Em Forqueta, parece ser os jovens os que mais palatalizam, cabendo-lhes o papel de favorecedores do processo, hipótese que se testará controlando-se os fatores:

- a) 15 a 50 anos
- b) 51 anos ou mais

3.1.1.2.8 Capelas

A comunidade de Forqueta, por uma divisão religiosa, compreende 13 capelas, sendo que algumas pertencem ao município de Caxias do Sul e outras ao município vizinho, Farroupilha. Para o presente estudo, selecionaram-se as capelas de Menino Deus, Nossa Senhora da Salete, Santos Anjos e São Roque, situadas em Farroupilha. A seleção decorreu da acessibilidade dessas capelas à pesquisadora.

A estratificação ficou da seguinte forma:



3.1.2 Procedimento de Coleta e Tratamento de Dados

3.1.2.1 Delimitação da Amostra

Como já mencionado anteriormente, Forqueta tem 13 capelas. Dessas, 4 pertencem administrativamente ao município de Farroupilha e 9 ao município de Caxias do Sul.

Optou-se por estudar as quatro capelas pertencentes ao município de Farroupilha, pelo fácil acesso a elas e pela proximidade à moradia da entrevistadora.

3.1.2.2 Realização de Entrevistas Sociolingüísticas

Os dados foram coletados conforme os preceitos da metodologia laboviana, através de entrevistas sociolingüísticas (Tarallo, 2006). Conforme Tarallo (2006,p.21), a entrevista sociolingüística visa a promover situações naturais de comunicação lingüística, sendo que o pesquisador estará em contato com falantes que variam de classe social, idade, sexo e etnia.

As entrevistas foram realizadas nos meses de março a maio de 2007, tiveram a duração aproximada de 45 minutos e foram gravadas. A entrevistadora tentou promover uma situação o menos tensa possível, oportunizando que o informante falasse sobre sua localidade, Forqueta, sua vida, seu trabalho, seus valores, suas crenças e outros temas pelos quais demonstrasse interesse. As entrevistas foram realizadas quando os moradores das capelas estavam preparando a festa do padroeiro, no salão da comunidade. Seguiu-se o roteiro de entrevistas do BDSer, Banco de Dados de Fala da Serra Gaúcha (UCS), no Anexo 1.

3.1.2.3 Levantamento e Codificação de Dados

A metodologia que norteia esse estudo prevê que, após a escolha dos informantes e audição das entrevistas, sejam levantados contextos de aplicação da regra de palatalização, a serem codificados para a análise estatística.

Foram levantados apenas os contextos que permitiam perceber com clareza a palatalização ou sua ausência. Alguns dados foram excluídos pois, como nos locais

de realização das entrevistas existia ruído de fundo, a audição dos mesmos foi dificultada, assim como a percepção da realização dos segmentos estudados.

Após levantados, os contextos foram codificados conforme os seguintes códigos :

Variáveis Linguísticas		Variáveis Extralinguísticas	
(1) Variável Dependente			(7) Gênero
0	Não palataliza	F	Informante Feminino
1	Palataliza	M	Informante Masculino
(2) Contexto Fonológico Precedente			(8) Idade
n	Nasal: antigo, mandioca, gente	2	15 a 50 anos
o	Fricativa Alveolar: destino, estive, doméstica	3	51 anos ou mais
p	Lateral: cultiva, último		(9) Capelas
q	Vogal Anterior: político, medicamento, médio	a	Menino Deus
r	Vogal Central: cidade, comunidade, batatinha	b	Nossa Senhora da Salete
s	Vogal Posterior: ódio, juventude	c	Santos Anjos
t	Vibrante:participo, perdido, parte, forte	d	São Roque
u	Vazio: _tio, dinheiro, _tinha		
(3) Contexto Fonológico Seguinte			
v	Vibrante simples (tepe): direito, tira, dirijo		
x	Palatal: lagartixa, tijolo, dinheiro, lentilha		
z	Fricativa: satisfeito, dizer, antes, distante		
y	Lateral: predileto, datilografia		
4	Vogal: pátio, diálogo, adiante		
5	Labial: tipo, vestibular		
6	Nasal: gelatina, ótima, latim, Argentina		
7	Dental: titular, candidato		
8	Velar: particular, digo, reumáticas		
9	Labiodental: difícil, estive		
A	Vazio: gente_, comunidade_, leite_,		
(4) Sonoridade: “t” ou “d”			
B	Surda: bastante, gente		
C	Sonora: difícil, entende		
(5) Tonicidade			
D	Pretônica: difícil, praticar		
E	Tônica: tínhamos, podia		
G	Postônica: médico, gente		
H	Clítico: de, te		
(6) Tipo de Vogal: “e” ou “i”			
I	Não-derivada: time		
J	Derivada: sete		

Tabela 1: Codificação dos códigos

A seguir, temos um exemplo de codificação e emprego desses símbolos:

Codificação	Contexto
0s8CHJF3a	tenho DE comprar

Quadro1: Exemplo de Codificação.

Conforme a codificação estabelecida para a pesquisa, temos, para o exemplo oferecido no quadro acima, as seguintes caracterizações:

- O “0” representa a não-palatalização;
- A letra “s” significa que o contexto fonológico precedente é uma vogal posterior;
- O número “8” está representando o contexto fonológico seguinte, significando que ele é constituído de uma velar;
- A letra “C” representa a sonoridade da consoante, no caso ,”d”, sonora;
- A letra “H” está indicando que o contexto em que a consoante se encontra é clítico;
- A letra “J” demonstra tratar-se de uma vogal que “poderia” ter sofrido levantamento;
- A letra “F” representa que o informante é uma pessoa do gênero feminino;
- O número “3” está indicando que a idade do informante situa-se na faixa de 51 anos ou mais;
- A letra “a” indica a qual capela pertence o informante, que neste caso é a capela de Menino Deus.

3.1.2.4 Tratamento Estatístico dos Dados

A análise estatística é realizada através de um pacote computacional de análise multivariada, denominado VARBRUL, que se apresenta em diversas versões para MS-DOS e para WINDOWS. No presente estudo utiliza-se a versão Goldvarb 2001²⁰. De acordo com Brescancini (2002), os programas que compõem este

²⁰ Conforme Paula (2006), o pacote VARBRUL, desenvolvido por David Sankoff, Pascale Rousseau, Don Hindle e Susan Pintzuk em 1988, sofreu diversas modificações e adaptações para operar em Macintosh e PC. A versão utilizada nesta pesquisa chama-se Goldvarb 2001 derivada de versões anteriores para Windows, criada por John Robinson, para o Departamento de Linguagem e Lingüística científica da Universidade de York.

pacote preparam os dados para a performance de um algoritmo e efetuam tarefas de apoio.

3.1.3 Análise Qualitativa de Variação

Após a realização da análise quantitativa, procedeu-se a uma análise das entrevistas sociolingüísticas do ponto de vista de seu conteúdo, de modo a buscar elementos para interpretar os resultados estatísticos obtidos.

As entrevistas sociolingüísticas contêm narrativas de experiência pessoal. Conforme Flick (2004), as narrativas que os entrevistados produzem são uma alternativa para abordar o mundo experimental dos sujeitos de modo mais abrangente. Com elas, não só transforma-se a experiência, constrói-se identidade relativa ao momento de interação e expressam-se pontos de vista. Nas entrevistas de Forqueta, tanto as narrativas quanto as afirmações dos informantes acerca da capela onde moram e atividades nela realizadas diariamente foram focalizadas, para verificar se os sujeitos identificam-se com a comunidade. Essa identificação corresponderia a uma orientação das práticas sociais dos sujeitos à localidade e, conseqüentemente, a uma resistência a mudanças, representadas nessa pesquisa pela variante palatalizada.

Como esclarecido anteriormente, a realização das entrevistas sociolingüísticas em três das capelas ocorreu durante a preparação da festa do padroeiro da capela, quando os moradores se reúnem para a confecção dos *agnolini*²¹ e organização do salão; noutra, nas residências dos informantes. Nesses momentos, a pesquisadora realizou observação das práticas sociais locais. Tomou notas de campo, também utilizadas na interpretação dos resultados.

O Goldbarb opera de modo muito semelhante a versão de MS DOS. É também constituído de um conjunto de programas que tem por finalidade reproduzir resultados numéricos, analisando grupos de fatores e variáveis dependentes e independentes e medir o peso relativo desses fatores. A diferença entre os programas está basicamente na sua terminologia de operacionalização que, pelo fato de ser Windows, é mais fácil e mais moderna do que as versões para MS DOS.

²¹ Conforme Battisti et.al. (2006), *agnolini* é um invólucro de massa composta de ovos e farinha de trigo, recheado com uma pasta de carne de frango ou gado, cozida e moída, pão torrado, noz moscada, queijo ralado e sal, e dobrado em forma de chapéu. O *agnolini* é adicionado a um caldo de carne para preparo de uma sopa. Em português, um termo equivalente é *capelete*.

4 ANÁLISE

Neste capítulo, apresentam-se e discutem-se os resultados da análise de regra variável, a seguir interpretados relativamente a aspectos das práticas sociais locais identificados através da análise qualitativa.

4.1 ANÁLISE DE REGRA VARIÁVEL

Das 16 entrevistas, foram levantados 2 582 contextos de aplicação da regra. Desses, 729 sofreram palatalização, numa frequência total de aplicação de 28%.

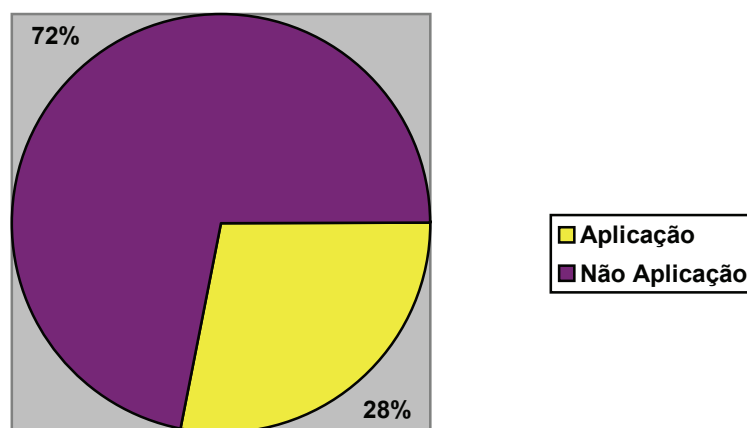


Gráfico 1: Frequência total de aplicação da regra.

Foram realizadas três rodadas de análise quantitativa com o Goldvarb 2001. As variáveis selecionadas na primeira rodada foram as seguintes: *idade, tipo de vogal, capelas, tonicidade, contexto fonológico precedente e sonoridade*.

A variável *gênero* foi excluída nas três rodadas. Não só os pesos relativos (0,52 masculino, 0,47 feminino), também a frequência de aplicação (28% masculino, 27% feminino) foi quase igual nos dois grupos, o que deve ter motivado a exclusão do grupo e nos leva a pensar que não haja uma distinção de gênero envolvida no processo nas capelas de Forqueta.

Com relação à variável *contexto fonológico seguinte*, essa foi descartada pelo programa na primeira e segunda rodadas. Amalgamados os fatores fricativa alveolar

e lateral, como também os fatores labial e labiodental, a variável foi selecionada na terceira rodada.

A variável *contexto fonológico precedente*, apesar de ter sido selecionada já na primeira rodada, apresentou fatores com número insuficiente de dados, razão pela qual foram amalgamados. É o que ocorreu com os fatores lateral, fricativa alveolar e vibrante. Assim, na terceira rodada, o programa apresentou a seguinte ordem de seleção: *idade, tipo de vogal, capelas, tonicidade, contexto fonológico seguinte, sonoridade e contexto fonológico precedente*, que será seguida na apresentação dos resultados de cada uma das variáveis.

4.1.1 Idade

O programa considerou a variável *idade* como a mais forte condicionadora da regra variável. O maior peso relativo para a variável idade ficou com o fator 15 a 50 anos, corroborando a hipótese de que os mais jovens condicionam a aplicação da regra.

Tabela 2: Idade

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
15 a 50 anos	589/1242	47	0,85
51 ou mais	140/1340	10	0,16
TOTAL:	729/2582	28	

Input: 0,148

Significância 0,171

Esses resultados estão de acordo com os de Almeida (2000), Kamianecky (2002), Pires (2004), Paula (2006), o que permite pensar que se esteja diante de variação na mudança em progresso. No entanto, também Battisti, Dornelles Filho, Lucas e Bovo (2007) verificaram palatalização mais freqüente entre os grupos etários mais jovens, mas tendência à estabilização da regra em índices modestos. Talvez se pudesse verificar isso também nas capelas de Forqueta, tivesse sido controlado um maior número de faixas etárias.

4.1.2 Tipo de Vogal

O segundo grupo de fatores selecionado pelo programa é o *tipo de vogal*. Com os pesos relativos, fica evidente que o fator não-derivada /i/ é o que favorece a aplicação da regra.

Tabela 3: Tipo de Vogal

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Não-derivada (time)	428/833	51	0,85
Derivada (sete)	301/1749	17	0,30
TOTAL:	729/2582	28	

Input 0,148

Significância 0,171

Os resultados encontrados conformam-se aos de Kamianecy (2002), Pires (2004), Paula (2006), Battisti, Dornelles Filho, Lucas e Bovo (2007), diferenciam-se apenas dos de Almeida (2000).

Em comunidades como as de Forqueta, em que o contato da fala dialetal italiana com o português é recente, a elevação da vogal média anterior átona não é tão freqüente quanto em outras comunidades brasileiras caracterizadas pelo monolingüismo português. Frosi (1987, p.224) explica que “il parlante bilíngüe, al pronunciare parole come *leite* (=latte) o *prato* (=piatto) non effettua la chiussura delle vocali atone finali, cioè, non fa la neutralizzazione di /e/ - /i/ e di /o/ - /u/ che, normalmente avviene nella parlata dei monolinguisti di portoghese.”²² Esse comportamento das vogais médias átonas finais poderia ter-se estendido a toda pauta átona e ainda verificar-se na fala da comunidade, como traço característico até mesmo daqueles que hoje são monolíngües portugueses.

²² O falante bilíngüe, ao pronunciar palavras como *leite*, *prato* não efetua o fechamento das vogais átonas finais, isto é, não faz a neutralização de /e/-/i/ e de /o/-/u/ que, normalmente existe na fala de monolíngües portugueses.

4.1.3 Capelas

O maior peso relativo para a variável *capela* ficou com o fator São Roque, sendo Santos Anjos neutro, e as capelas Menino Deus e Nossa Senhora da Salete, desfavorecedores da aplicação da regra.

Tabela 4: Capelas

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
São Roque	301/675	44	0,82
Santos Anjos	239/896	26	0,47
Menino Deus	121/536	22	0,39
Nossa Senhora da Salete	68/475	14	0,17
TOTAL:	729/2582	28	

Input 0,148

Significância 0,171

Essas capelas distam umas das outras cerca de 10 quilômetros apenas. Somente São Roque possui escola de Ensino Fundamental, as crianças das demais capelas dirigem-se a ela para estudar. Os professores são de Caxias do Sul ou Farroupilha. São Roque está incluída na rota turística Vale Trentino, razão pela qual recebe turistas para degustação de vinhos em cantinas. Essas motivações podem concorrer para introduzir e difundir na comunidade as variantes palatalizadas.

4.1.4 Tonicidade

Na tabela 5 pode-se observar que o fator pretônica favorece a aplicação da palatalização, sendo o fator clítico desfavorecedor.

Tabela 5:Tonicidade

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Pretônica (d ifícil)	150/328	45	0,71
Tônica (t ínhamos, diz)	272/569	47	0,50
Postônica (médico)	222/1094	20	0,46
Clítico (de, te)	85/591	14	0,43
TOTAL:	729/2582	28	

Input 0,148

Significância 0,171

Paula (2006) encontrou resultados equivalentes aos desta pesquisa para o grupo geográfico de Taquara, em que o fator pretônica é o favorecedor da regra. As pretônicas condicionam a palatalização também em Pires (2004), mas em Almeida (2000) é das postônicas finais esse papel. Apesar das posições distintas, em todos esses estudos são as sílabas átonas as favorecedoras, tendência apontada por Bisol (1991) para grupos bilíngües (português-fala dialetal italiana, português-fala dialetal alemã): “In the bilingual groups, inversely, the weakest positions are favored.”²³ (BISOL, 1991, p.107).

4.1.5 Contexto Fonológico Seguinte

No *contexto fonológico seguinte* à vogal desencadeadora da palatalização, o fator que reúne consoante labial e lábio-dental e o fator vogal favorecem a aplicação da regra, os fatores velar e vazio são neutros. Desfavorecem a palatalização o fator que reúne vibrante, fricativa alveolar, lateral, mais os fatores dental e o nasal.

²³ Nos grupos bilíngües, inversamente, as posições mais fracas são favorecidas.

Tabela 6: Contexto Fonológico Seguinte

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Labial, labiodental (tipo, estive)	139/460	30	0,58
Vogal (pátio)	129/425	30	0,57
Velar (digo)	78/279	27	0,51
Vazio (gente_)	78/315	24	0,51
Vibrante, fricativa alveolar e lateral (tira, dizer, predileto)	94/323	29	0,45
Dental (titular)	48/259	18	0,43
Nasal (latim)	42/237	17	0,40
Palatal (tijolo)	121/284	42	0,40
TOTAL:	729/2582	28	

Input 0,148

Significância 0,171

O papel favorecedor do fator labial foi constatado também por Almeida (2000) e o de vogal, por Paula (2006) para os grupos de Taquara e Panambi. O caráter desfavorecedor dos fatores dental, palatal e nasal conforma-se ao verificado por essa autora em Taquara.

4.1.6 Sonoridade

Os resultados na Tabela 7 permitem afirmar que o fator surda /t/ condiciona a palatalização nas capelas de Forqueta.

Tabela 7: Sonoridade

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Surda (gente)	430/1368	31	0,55
Sonora (entende)	299/1220	24	0,44
TOTAL:	729/2582	28	

Input 0,148

Significância 0,171

Em termos de pesos relativos, os resultados desta pesquisa reproduzem fielmente os verificados por Almeida (2000). Também Pires (2004) e Paula (2006)

constatam o papel favorecedor do fator surda em ambos os grupos geográficos pesquisados.

4.1.7 Contexto Fonológico Precedente

O último grupo selecionado pelo programa foi o *contexto fonológico precedente*. Mostra-se favorecedor o fator vogal central. Os fatores nasal, vogal posterior e vogal anterior são neutros e os fatores vibrante, fricativa alveolar, lateral e vazio são desfavorecedores da regra de palatalização.

Tabela 8: Contexto fonológico precedente

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Vogal central (cidade)	139/455	30	0,56
Nasal (antigo)	219/935	23	0,52
Vogal posterior (ódio)	104/366	28	0,48
Vogal anterior (médio, político)	100/330	30	0,47
Vibrante, fricativa alveolar e lateral (parte, destino, último)	85/246	34	0,45
Vazio (_tio)	82/250	32	0,38
TOTAL:	729/2582	28	

Input 0,148

Significância 0,171

Quanto ao fator favorecedor, o resultado obtido é diverso daqueles dos estudos revisados. Já quanto aos fatores desfavorecedores, o resultado de vazio e de vibrante foi também constatado por Kamianecy (2002); e o de lateral e fricativa alveolar, por Paula (2006) para Taquara; o de lateral e vazio, por Almeida (2000).

Ao concluir esta seção, pode-se afirmar que a palatalização nas capelas de Forqueta é condicionada por jovens, habitantes de São Roque, como também por vogal não-derivada em sílaba pretônica e consoante (alvo da regra) surda, no contexto precedente de vogal central e, no seguinte, de consoantes labial e lábio-dental e vogal.

4.2 DISCUSSÃO E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Procurando compreender os resultados da análise de regra variável no que se refere às variáveis sociais, escolhemos os índices obtidos no grupo de fatores *capelas* para serem interpretados, mediante análise qualitativa das entrevistas sociolinguísticas. Também alguns aspectos observados quando da realização das entrevistas são referidos.

A capela de São Roque foi a que obteve maior peso relativo na aplicação da regra de palatalização. Por que é que essa comunidade, em específico, favorece a palatalização? Como afirmamos antes (seção 4.1.3), São Roque possui uma escola e recebe turistas para degustação de vinho. Seriam esses os únicos aspectos responsáveis pela introdução e difusão da regra na comunidade?

Nas entrevistas, chamam atenção as respostas dadas pelos informantes para perguntas referentes às festas de capela, hábitos alimentares, habitação, que revelam distintas tendências à mudança nas diferentes capelas, o que pode auxiliar a explicar o comportamento de São Roque em relação às demais.

No roteiro de entrevista, havia a pergunta: Como são as festas de igreja? Quando começa o preparo? Tu ajudas? Exceto em São Roque, as respostas dos moradores das capelas são bastante similares: todos os alimentos são preparados pelos moradores; fica por conta deles também a execução da festa. Já em São Roque, todos os alimentos são comprados, apenas a execução da festa fica por conta da comunidade. Observe-se o excerto de M.S., uma informante de 45 anos de São Roque:

Entrevistadora: M., como são as festas de igreja aqui em São Roque?

M.S.: São boas.

Entrevistadora: Você ajuda no preparo, como funciona?

M.S. Eu ajudo, agora compramo(s) tudo feito, não temo(s) mais tempo de fica(r) nos reunindo uns dias antes, é mais fáciu.

Neste breve trecho, pode-se ver que o costume de se reunirem uns dias antes para a confecção dos *agnolini* não acontece mais nessa comunidade. Talvez isso

seja um indício de que os habitantes da capela estejam se abrindo a mudanças, o que também incluiria os padrões de fala.

A capela Santos Anjos mostra-se neutra à aplicação da palatalização das oclusivas alveolares. Um ponto chamou atenção da entrevistadora, na pergunta: Onde costumas almoçar durante a semana? Como é teu almoço? Veja-se um trecho da entrevista da informante C.B., de 60 anos, habitante de Santos Anjos:

Entrevistadora: O que você costuma beber em seu almoço?

C.B.: Faço suco natural, mas isso são poucas pessoas que ainda fazem.

Entrevistadora: Mas por quê?

C.B.: Sim, vejo os empregado do B., sempre comprando sucos industrializados ou refrigerantes, não fazem com a fruta.

B. é o proprietário da maior vinícola de Santos Anjos, que contrata pessoas de outras localidades para nela trabalhar. Alguns passam a residir em Santos Anjos. A vinícola também possui um restaurante que recebe grupos de visitantes para refeições e passeios para conhecê-la. É um negócio familiar, sua identidade ainda é local, apesar da abertura a pessoas de fora. Esse é um exemplo de motivador do comportamento neutro em relação à regra que a capela apresenta.

As capelas onde a aplicação da regra de palatalização das oclusivas alveolares é baixa, Nossa Senhora da Salete e Menino Deus, parecem ser as mais tradicionais. Observa-se nos discursos dos informantes a referência a práticas sociais dos antigos colonizadores italianos, que são preservadas. Alguns moradores afirmam ainda morar na casa de seus pais. Embora algumas já tenham sido reformadas, preservam traços da construção original, feita pelos antepassados. Vejam-se os trechos seguintes. O primeiro é de uma moradora da capela de Nossa Senhora da Salete, de 51 anos ou mais.

Entrevistadora: A Senhora sempre morou na mesma casa?

D.R.: Depois que eu casei sim, só reformemo ela.

Entrevistadora: E como era antes?

D.R.: Antes ela era uma casa bem alta, com aquele telhado em pé, assim, agora, depois que reformemo, primeiro era dois agora é quatro, mas é bem grande a casa.

Entrevistadora: Vocês têm paiol, porão?

D.R.: Tem o poron, é onde a gente fabrica o vinho, o paiol a gente tem para guarda(r) lenha, coisas assim.

O segundo trecho é de uma entrevista com uma moradora de 15 a 50 anos da capela de Nossa Senhora da Salete:

Entrevistadora: Como é sua casa hoje?

C.C.: Hoje é um pouco diferente, só tem o poron de pedra, uma casa antiga.

Entrevistadora: Tem paiol?

C.C. : Tem, tem.

Entrevistadora: É perto da casa?

C.C. : É, dá uns 40, 50 metro(s).

Outro trecho é de um morador da capela Menino Deus, de 51 anos ou mais.

Entrevistadora: O Senhor sempre morou na mesma casa?

E.R.: Sim.

Entrevistadora: E como é a casa do Senhor?

E.R.: Ah, é uma casa desde do ano 1911 que ela é feita toda de pedra, uma pedra meia bruta que nem fosse aquele muro de potre(i)ro.

Também uma moradora da capela de Menino Deus de 15 a 50 anos refere morar na casa dos antepassados:

Entrevistadora: Sempre morou na mesma casa?

J.C.: Sim, moro com o meu pai.

Entrevistadora: J., como é tua casa?

J.C.: Ela tem um porão de pedra e a parte de cima fica(m) os quartos, cozinha, sala e banheiro. No porão se faz o vinho, mas é para nós.

Entrevistadora: Tem paiol?

J.C.: Sim.

Há, portanto, vínculos com a tradição da colonização italiana ainda mantidos materialmente nas habitações, o que parece colaborar para que inovações não ocorram, ou para que, se forem verificadas, seus impactos sejam mínimos.

Tanto Nossa Senhora da Salete quanto Menino Deus são capelas que não recebem visitantes. Uma rua de Nossa Senhora da Salete incluída no roteiro turístico Vale Trentino passa em frente à igreja, mas o máximo que os turistas fazem é parar para tirar fotos dela, não permanecem na comunidade por períodos consideráveis de tempo. As duas capelas poderiam receber visitantes pelos atrativos que possuem, e também proporcionar convívio a eles, mas não é o que ocorre. Outro aspecto relevante é o de que seus habitantes ainda praticam a fala dialetal italiana: os mais idosos falam dialeto, os mais jovens minimamente, mas entendem o que se diz. Observou-se isso quando da realização das entrevistas. Um informante idoso dirigiu-se à pesquisadora em dialeto, perguntando se ela falava o mesmo; dada a reação da pesquisadora – respondeu que compreendia, mas não falava dialeto –, a entrevista prosseguiu em português. Essa não é a situação de São Roque e Santos Anjos, nas quais hoje a prática da fala dialetal italiana já é pouco freqüente.

Como em qualquer comunidade, as práticas lingüísticas integram o quadro maior de práticas sociais. É o que se percebe nas capelas, quando se procura relacionar os maiores índices de realização de uma característica inovadora – a palatalização das oclusivas alveolares – a mudanças sociais na comunidade. As capelas mais abertas ao outro – aos visitantes, àqueles com que os habitantes fazem negócios – são aquelas em que também se verificam os índices maiores de aplicação da regra, o que confirma a intuição de que as práticas lingüísticas relacionam-se ao que os indivíduos fazem dia a dia. Em seus contatos sociais, a fala incorpora características da produção oral alheia. A identificação dos indivíduos com a localidade e com práticas sociais tradicionais, reproduzindo hábitos gastronômicos e de habitação, por exemplo, também colabora para a tendência à não inovação, o que auxilia a interpretar baixos índices de aplicação da regra em dadas comunidades – Nossa Senhora da Salete e Menino Deus –, neutros ou altos em outras – Santos Anjos e São Roque.

5 CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve como objetivo verificar em que medida a palatalização das oclusivas alveolares se aplica em capelas de Forqueta, região administrativa de Caxias do Sul (RS), e quais são seus condicionadores lingüísticos e sociais. Empregaram-se para tanto procedimentos da análise de regra variável (LABOV 1972, 1994, 2001), de natureza quantitativa, como também procedimentos de análise qualitativa para interpretar alguns resultados, isso desde a realização de entrevistas sociolingüísticas (TARALLO, 2006) na localidade.

Caxias do Sul possui quatro regiões administrativas. A região de Forqueta faz divisa com o município de Farroupilha. Por critérios religiosos, pertencem a Forqueta 13 capelas, o que inclui capelas geograficamente localizadas em Farroupilha. Todas, no entanto, são geridas pela igreja de Forqueta e essa, pela diocese de Caxias do Sul. Essa circunstância, mais o fato de, historicamente, a localidade ter se desenvolvido de forma bastante autônoma em relação à sede (Caxias do Sul), contribuíram para que Forqueta viesse a ser hoje uma comunidade de identidade própria, como se fosse uma cidade dentro de outra cidade. As propriedades rurais nela situadas pertencem a descendentes de imigrantes italianos, que nelas ainda trabalham, o que tem feito do lugar uma referência de preservação de práticas tradicionais aos colonos italianos.

Em termos lingüísticos, não se esperava um alto índice de aplicação da regra variável de palatalização das oclusivas alveolares, processo que, no Rio Grande do Sul, tem avançado da capital Porto Alegre para o interior. Como a revisão de estudos sobre o mesmo tema revelou, em geral a freqüência de palatalização no interior do estado é moderada, e nas comunidades onde houve (ou ainda há) contato com a fala dialetal italiana, tende a ser até mesmo menor. Assim, em Forqueta, comunidade preservadora de tradições e onde a prática da fala dialetal italiana pode ainda se verificar, esperava-se baixa freqüência de palatalização.

A análise de regra variável confirmou essa expectativa. É de 28% a freqüência de palatalização das oclusivas alveolares em Forqueta. O processo é condicionado pelos indivíduos de 15 a 50 anos, habitantes da capela de São Roque, como também por vogal não-derivada e consoante-alvo (da regra) surda em sílaba

pretônica, pelas consoantes labial e lábio-dental mais vogal seguintes, e por vogal central precedente.

Interpretou-se o diferente comportamento das capelas frente à palatalização através de indícios de sua maior ou menor abertura ao outro e da realização de práticas sociais menos tradicionais. Concluiu-se que, embora a preservação de tradições seja hoje “produto” vendido a visitantes (o que reforçaria características como as da fala), a palatalização pode estar sendo introduzida nas capelas por meio de práticas socioeconômicas que promovem o contato dos indivíduos com outros de fora, que palatalizam.

Com a pesquisa, espera-se ter contribuído para descrever o português brasileiro em suas variedades regionais, e para registrar fatos das capelas pertencentes a Forqueta. Fica como sugestão para um próximo estudo verificar a aplicação da regra de palatalização das oclusivas alveolares nas outras capelas de Forqueta, aquelas de fato situadas no município de Caxias do Sul.

REFERÊNCIAS

- APPEL, R.; MUYSKEN, P. **Bilingüismo y Contacto de Lenguas**. Barcelona: Ariel, 1996.
- AGROMAK: **Informativo mensal da Enoagro** Caxias do sul, julho de 2007
- ALMEIDA, M.A.B.de. **A Variação das oclusivas dentais na comunidade bilíngüe de Flores da Cunha**: Uma análise quantitativa. Porto Alegre: PUCRS, 2002. Dissertação (Mestrado em Letras), Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2000.
- BAGNO, M. **Preconceito lingüístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.
- BATTISTI, E. Lingüística e sociedade. *In*: CHAVES, F.L. e BATTISTI, E. (org). **Cultura Regional: língua, história, literatura**. Educs: Caxias do Sul, 2004.
- BATTISTI, E. *et. al.* **Dicionário de italianismos e de outras inovações vocabulares do português falado na antiga região colonial italiana do Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul: EDUCS, 2006.
- BATTISTI, E.; DORNELLES, A.A.; PIRES LUCAS, J.L.; BOVO, N.M.P. Palatalização das oclusivas alveolares e a rede social dos informantes. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**, vol,5, n.9, agosto de 2007.
- BERGAMASCHI, H.D.E. Propriedade: identidade e cultura regional. *In*: GIRON, L.S.; RADÜNZ, R. (org.) **Imigração e Cultura**. EDUCS: Caxias do Sul, 2007.
- BISOL, L. A palatalização e sua restrição variável. **Estudos 5**, Salvador p.163 –177, dez.1986.
- BISOL, L. Palatalization and its variable restriction. **International Journal of Sociology of Language**, n.89 p 107-124, 1991.
- BISOL, L.; BRESCANCINI, C.(org) **Fonologia e Variação**: recortes do português brasileiro. Porto Alegre, 2002.
- BISOL, L. VARSUL: amostra, coleta e transição. *In*: ZILLES, A.M.S. **Estudos de Variação Lingüística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005, pg. 151-154.
- BONI, L.A.de. O catolicismo da imigração: do triunfo à crise. *In*: BARROS, E. C.; BONI, L.A. de; COHEN, V. R. A.; DECANAL, H. (org). **RS: Imigração e Colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.
- BORTONI-RICARDO, S. M. Problemas de comunicação interdialetoal *In*: **Sociolingüística e o ensino do vernáculo**. Revista Tempo Brasileiro nº 78/79, 1984, p. 9-32.
- BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. DIFEL: São Paulo, 1989.
- BOVO, N.M.P. **A Variação da Vibrante e seu Valor Social**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Caxias do Sul, 2004.
- BRANDÃO, S.F. **A Geografia Lingüística no Brasil**. São Paulo: Ática S.A. 1991, pg.05-84.
- BRESCANCINI, C.R. A análise de regra variável e o programa VARBRUL 2S. *In*: BISO, L.; BRESCANCINI, C.R. **Fonologia e variação** – recortes do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- BURITY, J.A. (org) **Cultura e Identidade**: perspectivas interdisciplinares. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p.07 a 187

CALVET, L.J. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Tradução Marcos Macionelo. São Paulo: Parábola, 2002.

CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (Eds) **The Handbook of Language Variation and Change**. Malden-Oxford: Blackwell, 2002.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2004

FROSI, V.M.; MIORANZA, C. **Imigração Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Movimento, 1975.

FROSI, V.M. Interrelazioni fra i dialetto veneto e la lingua portoghese-brasiliana. *In: Regione Veneto Centro Interuniversitario di studi veneti* – Presenza, cultura, lingua e tradizioni dei veneti nel mondo – parte I América Latina- Prime enchusti e documenti – A cura de G. Meo Zelio, 1987, p.215.

FROSI, V.M. Proveniência dos Imigrantes Italianos e sua Falas Dialetais. *In: ZUGNO, P.L. ; HERÉDIA, V.B.M. Seminário Internacional Vêneto- RS: modelos de desenvolvimento comparados- 1945-2000, setembro de 2002. Caxias do Sul: Educs, 2003, pg.113-143.*

FURASTÉ, P.A. **Normas técnicas para o trabalho científico**: elaboração e formatação. Explicação das normas da ABNT-14 ed.- Porto Alegre:s.n.,2007.

GALIOTO, A. **Pe As Capelas**: uma original experiência sócio-religiosa. Caxias do Sul: EDUCS, 1988. 52p.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC- Livros Técnicos e Científicos Editora S.A. 1989, p.03 a 215.

GIRON, L. A imigração italiana no RS: fatores determinantes *In: BARROS, E. C.; BONI, L.A. de; COHEN, V. R. A.; DECANAL, H. (org). RS: Imigração e Colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980 280p.

_____. **Imigração Italiana**, 2005 (apostila).

_____. **Nas Terras de Feijó Junior**. Folha de Forqueta. Sem data.

_____. **Madereiros, Agricultores e Artesãos**. Folha de Forqueta. Sem data.

_____. **A Moda do Far West**. Folha de Forqueta. Sem data.

GRUPIONI, L.D.B. Livros didáticos e fontes de informações sobre as sociedades indígenas no Brasil *In: LOPES, S.A, A. e GRUPIONI, L.D.B. (orgs.). A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995 pp. 481-493.

KAMIANECKY, F. **A Palatalização das Oclusivas dentais /t/ e /d/ nas comunidades de Porto Alegre e Florianópolis**: uma análise quantitativa. Porto Alegre: PUCRS, 2002. Dissertação (Mestrado em Letras), Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2002.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.

_____. **Principles of linguistics change** – internal factors. Malden/Oxford: Blackwell, 1994.

_____. **Principles of linguistics change** – social factors. Malden/Oxford: Blackwell, 2001.

LARAIA, R. de B. **Cultura um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 17ª ed, 2004, 117.

LAZZAROTTO, A.V.(coord.) **Capelas e Escolas Unidocentes**: a história contada pela comunidade. SMEC: Caxias do Sul, 1988, p.5-228.

MATZENAUER, C.L.B. O Espaço Fonológico da Variação. *In*: GORSKI, E.M. e COELHO, I.L. **Sociolingüística e Ensino**: contribuições para a formação do professor de língua. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2006, pg.173-184.

MONARETTO, V.N.O.;QUEDNAU,L.R.;HORA,D.da.O. As consoantes do português. *In*: BISOL, L.(org) **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 3.ed.Porto Alegre:EDIPUCRS, 2001, p.195-228.

MONTEIRO, J.L. **Para Compreender LABOV**. Vozes: Rio de Janeiro,2000,pg.83-103.

NARO, A.J. Modelos Quantitativos e Tratamento Estatístico. *In*: MOLLICA, M.C. e BRAGA, M. L. **Introdução à Sociolingüística** : o tratamento da variação. Contexto: São Paulo.2003.

ONSI, J.D. Discurso apresentado na abertura da **Festa do Vinho Novo**. Caxias do Sul, novembro de 2004.

PAULA, A.T.de. **A Palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ nas comunidades bilíngües de Taquara e de Panambi-RS**:Análise quantitativa. Porto Alegre: UFRGS, 2006. Dissertação (Mestrado em Letras), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

PAVIANI, J. **Cultura, Humanismo e Globalização**.Caxias do Sul: Educs, 2004.

PIRES, L.B. **A Palatalização das Oclusivas dentais em São Borja**. Porto Alegre: PUCRS, 2004. dissertação (Mestrado em Letras), Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul,2004.

POZENATO, J. Algumas considerações sobre a região e regionalidade. *In*: FELTES, H.P.M.; ZILLES,U.. **Filosofia**: diálogos de horizontes.Caxias do Sul: Educs, 2001, pg.583-592.

REIS, J. C. **As Identidades do Brasil 1**: de Varnhagem a FHC.Rio de Janeiro: Editora FGV, 9ª ed., 2007, 278 p.

SANTOS, L. dos S. **O que é cultura?** São Paulo: Brasiliense, 2006 (coleção primeiros passos:110).

TARALLO, F. **A Pesquisa Sociolingüística**.Ática: São Paulo, 2006.

TASSINARI, A.M.I. Sociedades indígenas: introdução ao tema da diversidade cultural *In*: LOPES, S. A. e GRUPIONI, L.D.B. (orgs.). **A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus**. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.

TOMIELLO, M. **A Variação do Ditongo Nasal Tônico – ão como prática social no português de São Marcos**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Caxias do Sul, 2005.

ZUGNO, P.L.; HERÉDIA,V.B.M.(coord.) **Seminário Internacional Vêneto/RS**: modelos de desenvolvimento comparados (1945-2000).EDUCS: Caxias do Sul, 2003.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, TOMAZ, T.da (org). **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Vozes: Petrópolis, 2004.

www.Caxias.rs.gov.br. Acesso em 8 de junho de 2008.

<http://www.forqueta.com.br/cooperativa.htm> acesso em 25 de novembro de 2006.

<http://www.festadovinhonovo.com.br/> acesso em 18 e 27 de junho de 2008.

<http://www.caxias.tur.br/roteiros/valetrentino>, acesso em 24 de junho de 2008.

<http://www.gazetadecaxias.com.br>, acesso em 27 de junho de 2008.

ANEXOS

Coleta de Dados Lingüísticos
 Roteiro para entrevista
 ZONA RURAL

Descrição

Família	1. Como é tua família? Ela é grande? Tens irmãos, filhos, netos? O que eles fazem? Estudam, trabalham? Onde moram? 2. Tens tios, primos? Onde moram? O que fazem? Quem é o mais engraçado? Como ele é? 3. Tem algum parente que tu gostes mais? Por quê? Como ele é? 4. Tem algum parente que tu não gostes? Por quê? O que ele faz que te incomode?
Trabalho	3. Onde trabalhas (estudas)? Como é teu trabalho (escola/universidade)? É longe da tua casa? Como fazes para ir até lá?
Lazer Amigos Culinária	4. O que tu costumavas fazer nos fins-de-semana? Com quem? Onde? Vais à bodega? Como ela é? 5. Teus amigos, como são? Tens um melhor amigo? Como ele é? 6. Costumas fazer churrasco? Como preparas? 7. Qual é teu prato favorito? Como é preparado? 8. Gostas de cozinhar? Qual é o prato que mais gostas de preparar? 9. Onde costumavas almoçar durante a semana? Como é teu almoço?
Bairro Habitação Transporte	10. Há quanto tempo moras aqui? Gostas do lugar? 11. Como era o lugar antigamente? 12. Como são teus vizinhos? 13. Os moradores do lugar se reúnem para alguma atividade? Qual? Novenas, Clube de Mães festa de igreja, reuniões? 14. Como são as festas de igreja? Quando começa o preparo? Tu ajudas? 15. Sempre moraste na mesma casa? 16. Como era tua casa quando eras criança? Como eram os <u>móveis</u> (utensílios, fogão, forno cantina, paiol, horta, jardim)? Como são hoje? 17. Como é hoje? É distante do teu trabalho? Como fazes para ir até lá? 18. Como é o trânsito na cidade? Como é o motorista/pedestre?
Cidade	19. Lembras do lugar há 20 anos (há algum tempo atrás)? O que mudou? Descreve. 20. Qual é, na tua opinião, o local mais bonito daqui? Como ele é?
Religião	21. Praticas alguma religião? Como é a missa/culto? 22. Participas de algum grupo da Igreja?
Línguas	23. Tu falas/entendes outra língua? Qual? 24. Com quem falas essa língua? Em que situação?

Narração

Infância	21. O que tu lembras de tua infância? Com que tipo de brinquedo tu te divertias? 22. Tu fabricavas brinquedos? 23. Tu tinhas amigos, brincavas com eles? O que faziam juntos? Como/onde brincavam? Com que frequência brincavam?
Escola	24. Você foi à escola? Onde? Como eram as aulas? Como era a professora/o recreio? Voc tinham uniforme? E merenda? 25. Qual foi a professora que tu mais gostaste? E a que menos gostaste?
Celebrações	26. Como era o <u>Natal</u> ? Como vocês se preparavam para o Natal? Teve algum presente que ganhaste que marcou a tua vida? 27. Como foi tua primeira comunhão? E a Crisma? Como era a catequese?
Eventos marcantes	25. Tu lembras de algum momento muito triste/feliz da tua vida que tu queiras contar? O que aconteceu?

Férias	26. O que fazias nas férias, quando criança? Como faziam para visitar os parentes? 27. Lembras de alguma viagem? Para onde foste? O que fizeste? 28. O que costumavas fazer nas férias?
Estórias	29. Ouvias estórias quando criança? Quem contava? Lembras de alguma? Conta.
Costumes	30. Antigamente, como faziam o pão/vinho? Como matavam os porcos, galinhas? Isso mudou? Como é hoje?
Namoro	29. Como tu conhecestes teu marido/esposa/namorado(a)? 30. No passado, como era o namoro? O que faziam? 31. Como é hoje? O que fazem? 32. Como foi teu casamento?

Argumentação

Localidade	31. Tu gostarias de viver em outro lugar? Por quê? 32. Tem algum lugar que tu não gostarias de morar?
Comportamento	32. Qual é a tua opinião em relação ao comportamento dos jovens (em relação aos pais, ao namoro, ao estudo, ao trabalho)? 33. O que tu pensas da vida da mulher hoje? Mudou? Em que sentido? 34. O que tu pensas sobre a mulher trabalhar o dia inteiro? Ela dá a mesma atenção aos filhos? Isso é bom ou ruim? 35. Como tu vês a situação dos idosos no país? Vivem bem? Têm assistência do Estado/família? Por quê? 36. O que tu pensas sobre asilos? Tu colocarias teus pais?
Violência	35. O que tu pensas sobre a violência, de pessoas que matam para roubar, de homens que batem em mulheres e crianças?
Política	36. Qual é a tua opinião sobre o atual prefeito? Sobre os políticos em geral? Por quê?
Televisão	37. O que tu pensas dos programas da TV, dos filmes exibidos, novelas, noticiários? Por quê?
Rádio	38. O que tu pensas dos programas de rádio transmitidos em dialeto?
Festas	39. Como é a Mostra Del Paese/ Noite Italiana? O que tu achas de ser feita de dois em dois anos? 40. Qual é a tua opinião sobre o carnaval brasileiro?
Ensino	41. Como tu vês o Ensino, hoje? Por quê? 42. Na tua opinião, que língua estrangeira as crianças devem aprender na escola, o inglês, o italiano ou o espanhol? Por quê?
Religião	40. O que tu pensas do comportamento dos padres? 41. Por que muitas pessoas afastam-se da religião hoje?
Trabalho	44. Por que escolheste permanecer no interior e trabalhar no campo?
Vida	45. Se pudesses, mudarias alguma coisa em tua vida? O que farias de diferente? Por quê?